

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES**

JORNALISMO

KARINNY GALVÃO LEITE

**A ARTE DO CHARÃO:
RECONSTRUÇÃO SONORA DE UMA HISTÓRIA**

**SÃO PAULO - SP
2019**

KARINNY GALVÃO LEITE

**A ARTE DO CHARÃO:
RECONSTRUÇÃO SONORA DE UMA HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Filosofia,
Comunicação, Letras e Artes – FAFICLA,
da Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em
JORNALISMO, sob a orientação do
Professor André Naveiro Russo.

**SÃO PAULO
2019**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por me conceder toda a força e coragem para chegar até aqui, depois de tantas dificuldades e empecilhos.

Aos meus pais por me darem tanta motivação, principalmente a minha mãe, Ivânia Galvão Pereira Leite, que acreditou em mim desde o começo, fazendo até empréstimos para que eu conseguisse iniciar esse curso, porque sabia que esse é o meu grande sonho.

Ao Luiz Henrique dos Santos, meu noivo, por tentar ser compreensivo e ter paciência comigo.

À minha irmã que, durante as rotinas de entregas de trabalhos e provas, entendia que precisava colaborar comigo.

À Natália Ferreira de Almeida que tão gentilmente me abriu as portas do Museu Florestal Octávio Vecchi, permitindo um estágio muito proveitoso e feliz, com muitos frutos colhidos.

Ao professor André Russo pela paciência, compreensão e por toda a orientação.

Aos entrevistados que colaboraram de forma tão rica para que esse projeto pudesse ser concluído.

RESUMO

A técnica oriental conhecida por charão corresponde ao processo de envernizar objetos através da laca. No Brasil, o método chegou em 1930 através do japonês Ryoichi Nakayama, que obteve o apoio do Serviço Florestal de São Paulo (hoje, conhecido por Instituto Florestal), resultando em uma escola que funcionou aproximadamente até 1972. Desde então, muito da história se perdeu e pouco se sabia sobre o desenvolvimento da arte no país. Assim, o objetivo deste projeto é o de reconstruir essa narrativa, por meio de recursos sonoros, fundamentados através de relatos, documentos, materiais midiáticos e referências bibliográficas.

Palavras-chave: Charão; Urushi; Jornalismo; Podcast.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. OBJETIVO	8
2. JUSTIFICATIVA.....	9
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
3.1. CONTEXTO HISTÓRICO NO BRASIL E JAPÃO (1929).....	13
3.2. A ARTE KOGUEI	15
3.3. CHARÃO OU URUSHI.....	15
3.4. RYOICHI NAKAYAMA E O CHARÃO.....	16
3.5. A ARTE DO CHARÃO NO BRASIL.....	18
3.6 ENTREVISTAS.....	28
3.7. ROTEIRO DO PODCAST	30
3.7.1. Primeiro episódio	30
3.7.2. Segundo episódio	30
3.7.3. Terceiro episódio	30
4. METODOLOGIA	32
5. CRONOGRAMA	33
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXO	57

INTRODUÇÃO

Ao visitar o Parque do Horto Florestal, na zona Norte de São Paulo, além de conferir uma variada representatividade da Mata Atlântica, é possível também ter acesso a diversas opções de lazer e cultura.

O Museu Florestal Octávio Vecchi, localizado dentro do parque, é um exemplo disso.

Em seu acervo é possível conferir o resultado de diversas produções científicas e artísticas desenvolvidas pelo antigo Serviço Florestal, hoje denominado por Instituto Florestal.

Dentre as composições da expografia, estão as peças com a técnica milenar oriental conhecida como Charão, que consiste no processo de envernizar objetos (especialmente em madeira) através da laca, ou seja, de resinas extraídas de algumas árvores orientais.

No Brasil, o método chegou em 1930 pelas mãos do japonês Ryoichi Nakayama e foi apoiado pelo Serviço Florestal, que financiou tanto o plantio da espécie que originava a laca, como também os aprendizados sobre a técnica.

Eu tive a oportunidade de estagiar no Museu Florestal Octávio Vecchi por um ano e quatro meses.

Nesse período, fiquei mais próxima do acervo, conhecendo um pouco melhor os detalhes que envolviam as peças.

Embora eu tenha aprendido bastante, comecei a perceber que muitas informações sobre o charão estavam imprecisas e desconstruídas, como se uma boa parte dessa história tivesse sido perdida no tempo.

Em certo momento, o João Batista Baitello, biólogo e pesquisador científico do Instituto Florestal, concedeu ao museu documentos inéditos que pertenciam ao acervo do Dom Bento Pickel (um biólogo e monge beneditino que trabalhou por muitos anos no Serviço Florestal de São Paulo). Além disso, também foram encontradas peças relacionadas ao charão que seriam descartadas por funcionários que não sabiam do que se tratava.

Assim, nasceu a ideia de desenvolver um estudo que permitisse reavivar a memória dessa arte que é tão importante no contexto da história paulista e brasileira.

A primeira etapa consistiu na elaboração de um estudo de iniciação científica, intitulado por “A arte do charão no Brasil sob um olhar jornalístico cultural”, onde, além das análises das novas documentações encontradas, foi possível percorrer pelo setor midiático e acompanhar os processos evolutivos ao longo dos anos.

A pesquisa resultou em descobertas incríveis.

Mas, apesar de ter sido um pouco mais de um ano aprendendo sobre o tema, percebi que ainda faltavam muitas coisas para serem estudadas e que seria importante também deixar um registro midiático, de forma a essa história se tornar mais acessível e tangível para as pessoas.

Assim, este estudo tem por objetivo dar continuidade ao tema de pesquisa sobre o *charão* por meio de uma narrativa sonora, em formato de podcast.

1. OBJETIVO

O objetivo dessa pesquisa é a elaboração de um podcast, como forma de tornar mais acessível para as pessoas a arte do charão, podendo ser utilizado futuramente até como apoio à coleção do Museu Florestal Octávio Vecchi.

2. JUSTIFICATIVA

A comunicação pode ser dividida em três principais pilares: primária, secundária e terciária. Elas obedecem à ordem crescente, sendo que cada uma engloba a sua antecessora. Portanto, a terceira é a que detém todas as categorias.

Ao que se refere a comunicação secundária, temos a seguinte característica:

Na comunicação por meios secundários, os corpos deixam marcas sobre outros suportes, extracorporais, sendo estes suportes os portadores de mensagens até outros corpos, que então podem estar distantes uns dos outros, separados por milhas e milhas ou por séculos e séculos. Estas marcas, no princípio muito simples, vão se transformando em sistemas complexos de sinais, desde pictogramas a ideogramas ou a alfabetos, criando diversas formas de escritas. As mediações secundárias, realizadas por meio de tais suportes que recebem e guardam sinais (as pedras, os ossos, o metal, o couro, a madeira, o papel), representam uma enorme expansão no tempo e no espaço da comunicação (...). (PROSS apud BAITELLO JR, 2010, p.62).

A partir do exposto, podemos dizer que a arte do charão é um tipo de comunicação secundária, porque ela não é apenas desenvolvida nos países orientais, mas sim ela continua em constante desenvolvimento pelos seus descendentes e admiradores da arte em qualquer lugar do mundo.

Além disso, tudo que serve de veiculador de mensagens passa a ser mídia, logo, toda a representação gerada pelos meios secundários agregam significados, sendo de suma importância para o estudo em jornalismo (BAITELLO JR, 2010).

Com isso, fica em destaque a relevância do estudo desta arte no Brasil. Quanto à escolha do formato podcast, existem alguns pontos a serem analisados.

O podcast, assim como as mídias tradicionais, é um meio de transmissão de conteúdos e informações, sendo como um programa de rádio, com a grande diferença de ser sob demanda.

Em linhas gerais, o podcast é um arquivo de áudio disponibilizado na internet para download gratuito por qualquer usuário da rede. Suas funções são variadas, desde o entretenimento e a divulgação de informações até o seu uso para fins educacionais. (LENHARO e CRISTÓVÃO, 2016).

Por mais que se trate de um tema bem imagético, são poucos os recursos visuais que o tema apresenta, pois muito do material foi perdido com o passar dos

anos. Ainda assim, os que existem se relacionam especificamente com as peças, o que promoveria uma repetição exacerbada, ainda que os desenhos tenham os traços diferentes e únicos, não abrindo muitas margens para compor a narrativa.

Conforme destaca Baitello (1997), “em todas as esferas da atividade e da cultura contemporâneas detecta-se um predomínio do visual sobre o auditivo”.

Ao afirmar isso, conseguimos entender que vivemos a cultura da visualidade, onde o que detêm mais notoriedade é sempre a imagem ao invés do som.

Entretanto, com tantas imagens o tempo todo, somos sempre obrigados a ver, o que tem causado uma saturação da visibilidade, um cansaço na visão. Dessa forma, vemos as coisas, mas é como se estivéssemos tão habituados, que passamos a não ver mais. É a famosa “sensação de enxergar sem ver”, como define Baitello (1997).

A visibilidade também possui um tempo muito mais curto e mais veloz, sendo mais fácil de ser esquecido. Ao contrário da audição, que ajuda com que a gente fixe melhor as coisas.

O que precisamos é redescobrir a cultura do ouvir, porque é com ela que nos perdemos na nossa imaginação, ganhamos profundidade para os sentidos.

Na conferência realizada no SESC Pinheiros em junho deste ano, Edgar Morin, falou um pouco sobre a arte oratória. Como exemplo ele falou sobre a profissão do advogado, que ao discursar, faz com quem o escute entre em transe. Ou ainda, ele citou sobre a narração de um jogo de futebol pelo rádio. A emoção é tanta, que é como se transmitisse ao ouvinte a sensação de estar no estádio.

Um político que tem o dom da oratória deve começar a aquecer sua voz para se colocar em um verdadeiro estado de inspiração, ou seja, em um estado de autêntica eloquência: pode-se afirmar que, a partir de então, ele é possuído por seu próprio discurso, por suas próprias ideias (MORIN, 2016, p.62).

Morin também destaca que a arte já tem por si só o papel cognitivo de sensibilizar, mas só aprendemos bem alguma coisa se a mesma for acompanhada por emoção. Aí entra a audição, que é capaz de estimular a imaginação, de permitir sensações, de despertar sentimentos, como destaca Baitello:

O ouvir nos permite gerar imagens, nossas próprias imagens, e essas são imagens geradas por nexos, sentidos e não são imagens oferecidas prontas de maneira a cercear a capacidade imaginativa. Imaginação vem de

imagem. Mas é a geração de imagens. E esta geração de imagem é provavelmente mais fértil no tempo do ouvir do que no tempo do ver. (1997, p.27).

O ouvir deve estar associado também com a música, já que a mesma fala à nossa afetividade profunda, à nossa alma, se comunica sem necessariamente precisar de palavras como cita Morin (2016).

Portanto, a intenção é, através da escolha do podcast, promover a redescoberta da cultura de ouvir, juntando a voz e as músicas, de modo a atingir e enaltecer a percepção humana de forma profunda, para que o conteúdo seja absorvido com mais eficácia.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Pesquisando pelo termo “charão”, é muito difícil encontrar materiais relacionados ao tema. Conforme levantamentos, essa é uma palavra que foi “abrasileirada”. Nos países orientais, o charão compreende a urushi.

Como o foco da pesquisa era no âmbito brasileiro, foi através do termo em português que as pesquisas prosseguiram.

Ao que se refere especificamente ao charão, existe uma grande dificuldade em encontrar diversidades em bibliografias.

Após muitas pesquisas foi possível encontrar um livro raro chamado “O Charão”, escrito pelo próprio Ryoichi Nakayama, pela Secretaria da Agricultura, em 1951.

Como forma de complementar e superar os obstáculos das referências bibliográficas, diversas documentações foram separadas e estudadas.

Relacionado ao jornalismo, dentre as bibliografias consideradas como as mais importantes para a pesquisa está o livro “Jornalismo Cultural”, de Daniel Piza, que conta com um importante referencial histórico e contextual sobre essa área. Além disso, o material oferece dicas que são extremamente relevantes para a construção desse segmento, demonstrando que esse setor não deve ser tratado como secundário e é tão importante para a sociedade igualmente a outras editorias, como política e economia.

Daniel Piza (2004,p.45) ressalta um ponto importante para quem lida com o jornalismo cultural atual:

O jornalismo, que faz parte dessa história de ampliação do acesso a produtos culturais, desprovidos de utilidade prática imediata, precisa saber observar esse mercado sem preconceitos ideológicos, sem parcialidade política. Por outro lado, como a função jornalística é selecionar aquilo que reporta (editar, hierarquizar, comentar, analisar), influir sobre os critérios de escolha dos leitores, fornecer elementos e argumentos para sua opinião, a imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe.

Assim, podemos entender que o jornalismo é um mediador, mas no âmbito cultural a função dele é traduzir realidades complexas para acessíveis, mas sem que isso tire o valor da informação e que desperte nas pessoas o senso crítico.

Outro livro selecionado foi o do Odair da Cruz Paiva, “Histórias da (I)migração – Imigrantes e Migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XX”, que ajudou a compreender aspectos relacionados com a imigração e com a história.

Por fim, destaco aqui as pesquisas em acervos midiáticos como um importante passo para a localização de materiais. Foi uma imensa variedade encontrada, o que permitiu verificar os contextos das épocas envolvidos, os mitos e exaltações exprimidas ao charão.

3.1. Contexto Histórico no Brasil e Japão (1929)

O Japão teve um período considerado clássico, bem semelhante ao feudalismo na Europa e, posteriormente, um período moderno, em que começou a se industrializar e ter um governo igualmente ao das monarquias europeias, mas tendo como centralizador um imperador.

O período moderno teve início com a Era Taisho, equivalente aos anos de 1912 a 1926.

Assim, Marriott (151 e 152) destaca que a partir desse período o Japão começou a seguir uma política expansionista e militarista, com a intenção de dominar a China e o Extremo Oriente, para garantir o acesso a matérias-primas e mercados.

Subsequente a esse período, tivemos a Era Showa (nome de reinado de Hirohito, 124º imperador do Japão, cujo título significa paz ilustrada), que compreendeu ao período de 1926 a 1989.

Inicialmente, o seu reinado foi marcado pela ascensão militar sobre o governo.

Durante esta época, o Japão enfrentava diversas crises advindas da Primeira Guerra Mundial (mesmo que tenha se juntado aos Aliados, o lado que venceu).

“A Primeira Guerra Mundial mostrou ser um dos mais mortíferos conflitos da história, com 30 milhões de baixas, entre civis e militares (e aproximadamente 8 milhões de mortos)” (MARRIOTT, 2016, p. 161).

Além disso, ocorreu em 1929, nos Estados Unidos, a quebra da bolsa de Nova York, que sinalizou o início da grande depressão econômica, que fez com que os

bancos norte-americanos aumentassem suas tarifas e recolhessem depósitos na Europa, afetando todos os países e o comércio internacional (MARRIOTT, 2016).

Em 1930, a população japonesa havia mais do que dobrado comparado há um século. Esse fator, juntamente com a crise econômica mundial de 1929, ocasionou o aumento do desemprego e agravou o problema na área rural. Por isso, começou o incentivo da emigração.

Enquanto isso, aqui no Brasil, alguns anos antes, estávamos passando pela Primeira República, com o ápice da expansão cafeeira.

O país vivenciava a chamada República do Café com Leite, onde o governo federal se dividia apenas entre os candidatos de São Paulo (que tinha o setor cafeeiro) e Minas Gerais (que tinha uma alta produção de leite).

Com a abolição da escravidão em 1888, havia uma necessidade de substituir a mão-de-obra escrava por trabalhadores livres, para que atuassem especialmente nas fazendas de café do Estado de São Paulo.

Assim, havia um incentivo para que viessem os imigrantes.

De acordo com dados do Museu da Imigração Japonesa de São Paulo, o Brasil recebeu aproximadamente mais de 3,7 milhões de imigrantes no período de 1870 e 1930.

Conforme o museu destaca, os primeiros 781 imigrantes japoneses chegaram através do navio Kasato-Maru que fez o desembarque no porto de Santos no dia 18 de junho de 1908.

Ryoichi Nakayama (precursor da arte do charão) veio com sua família (esposa e seus seis filhos) ao Brasil em 1929, desembarcando em Santos no dia 26 de junho.

É claro que, com o início da grande depressão, o Brasil também foi afetado, alterando o contexto político e econômico.

De acordo com Costa (2016, p. 87):

O principal mercado consumidor do café brasileiro era os Estados Unidos; desse modo, a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, vai reverberar gravemente sobre o Brasil. O café entra em crise, e as exportações do produto, que no ano de 1929 atingiram a cifra de US\$ 445 milhões, em 1930 caíram para US\$ 180 milhões. Era uma tragédia, pois, com uma economia pouco diversificada, o café representava 75% das nossas exportações.

De toda forma, esse é um cenário mais adiante.

No momento da imigração de Ryoichi Nakayama, as condições pareciam favoráveis com boas perspectivas de vida.

3.2. A Arte Koguei

A Arte Koguei se difere do que temos por concepção de artesanato. Isso porque ela abrange uma série de modalidades que envolvem inúmeros aspectos da criação artística (OI, 2012).

Dessa forma, seu desenvolvimento é mais elaborado e complexo, abarcando habilidades manuais, técnicas apuradas, estética refinada, além de uma minuciosa fase de preparação para a produção do objeto, de forma a promover o sentimento de prazer do espírito (OI, 2012).

Esse tipo de arte “envolve a criação de objetos a partir de elementos básicos da natureza como o ar, água, terra e fogo com a utilização de matérias-primas variadas como madeira, vidro, tecido, argila, metal, entre outros” (OI, 2012, p. 04).

O Koguei possui diversas categorias, nas quais podemos destacar a arte em madeira, metais, fibras, bambu, cerâmica e o charão.

3.3. Charão ou Urushi

O charão (que é conhecido no oriente pelo termo urushi) refere-se à resina extraída de uma árvore que, passando por procedimentos específicos, pode se tornar uma cola resistente para porcelana e cerâmica (OI, 2012).

Assim, basicamente é retirada uma laca que é aplicada, sob várias camadas, nos objetos.

Essa técnica milenar resulta em uma impermeabilização e confere resistência aos objetos, além de também oferecer uma beleza estética com brilho e cor.

É possível, assim, usar para objetos de uso domésticos bem como para obras de artes, que envolvem pó de ouro, prata e incrustações de madrepérola.

Ryoichi Nakayama foi o precursor da técnica aqui no Brasil, mas alguns outros artistas também emigraram ao Brasil e aqui desenvolveram a arte do charão, como Shozo Nagata, Yoshihiro Endo, Kozo Imayuki.

3.4. Ryoichi Nakayama e o charão

Ryoichi Nakayama nasceu no dia 06 de junho de 1886, na cidade de Kanazawa, no Japão, local onde passou a sua infância e boa parte de sua juventude.

Em 1909 ele se formou em economista pela Universidade Comercial de Kobe. Sua carreira profissional foi iniciada no setor bancário no Nomura Bank.

No dia 27 de setembro de 1913, ele se casou com Haruye.

Após ter passado oito anos no setor bancário, Nakayama resolveu sair, por considerar uma atividade muito monótona e resolveu se dedicar então ao setor comercial, trabalhando na empresa Mitsui S/A, com o cargo de chefe geral da carteira de exportação, permanecendo lá até o ano de 1929.

Neste emprego, ele percebeu um considerável volume na exportação do charão.

Nakayama tinha boas condições financeiras, mas os altos encargos cobrados na época devido ao contexto econômico, e a vontade de oferecer uma melhor qualidade de vida à família, fizeram com que viesse ao Brasil, chegando em 26 de junho do mesmo ano, no Porto de Santos.

Em sua bagagem estavam itens de subsistência suficientes até os filhos pequenos completarem 16 anos (o mais novo tinha dois anos).

Quando chegou ao país, ele deseja montar algum empreendimento. No início, tentou a indústria de fumo, mas não obteve sucesso.

Depois, percebeu que o charão não era produzido no Brasil, então imaginou ser um bom investimento, ainda mais por não ter concorrência local.

Em 1930 ele retornou então ao Japão e passou por mais alguns outros países (como China e Coréia), para buscar conhecimentos sobre a indústria do charão, ferramentas e sementes (ele trouxe da espécie *Rhus Vernicifera*).

Ao voltar ao Brasil, na região de Ribeirão Pires na qual ele morava, fez os plantios, mas não obteve sucesso.

Dessa forma resolveu, em 1932, procurar ajuda do Serviço Florestal do Estado de São Paulo, onde foi recebido pelo diretor Dr. José de Camargo Cabral que acolheu a ideia de implantar a cultura do charão com uma visão mais ampla, objetivando alcançar todo o país.

Para atingir esse objetivo, em 1933, Nakayama foi convidado para atuar no Serviço Florestal. Ele plantou então mais 50 mudas iguais ao de Ribeirão Pires, mas novamente não deu certo.

Assim, por intermédio oficial do governo, novas sementes foram importadas, mas dessa vez vinda da Indochina Francesa, a espécie *Rhus Succedânea*, que conseguiu se aclimatar e crescer. Porém, segundo o biólogo e pesquisador científico, João Baitello Batista, mais para frente descobriu-se que não foi verdadeiramente essa espécie, e sim a *Rhus Verniciflua* (*Toxicodendron vernicifluum*).

A primeira coleta da laca foi realizada em 1938.

No mesmo período, o curso sobre a técnica do charão foi ministrado de forma informal, tendo Nakayama como instrutor. Mas somente em 1959 o curso foi oficializado em Escola, onde, conforme a Lei Estadual nº5873, concede a denominação da mesma com o nome de Ryoichi Nakayama. Mas, infelizmente, ele não pode ver tal homenagem, por falecer no dia 22 de julho de 1948.

Em 1941, Nakayama conseguiu a cidadania brasileira, conquista que o deixou plenamente realizado, uma vez que se considerava integralmente brasileiro.



À direita, Ryoichi Nakayama ao lado de uma árvore de charão. Foto: Acervo pessoal Sérgio Nakayama.

3.5. A arte do charão no Brasil

Através das pesquisas, especialmente em jornais, foi possível notar o charão no Brasil desde 1800. No começo, ele era perceptível em leilões, onde artefatos como bandejas e mesas eram importados e vendidos.

À medida que Nakayama inicia os seus trabalhos no Serviço Florestal, começa-se a ter um destaque no contexto midiático, alguns através de pequenas notas e outros com grandes reportagens falando sobre a técnica e a família Nakayama, conforme podemos conferir a seguir:

A cultura do charão no Brasil
Um novo produto que merece as atenções geraes

Actualmente, o Japão importa, anualmente, para suas necessidades industriais, o charão em matéria prima, da China, em valor de 30 mil contos, mais ou menos, por ser insufficiente a produção propria.

Em diversos paizes, houve tentativas no sentido de introduzir essa industria, resultando sempre em fracasso, com excepção da Inglaterra e da França, que são os maiores consumidores do charão japonéz.

Esses paizes contrataram technicos do Japão e, com a materia importada deste, puzeram em pratica a fabricação do artigo em pequena escala, não conseguindo, porém, fabricar os artigos finos de que o Japão é ainda unico fornecedor.

AS CONDIÇÕES NATURAES DO BRASIL SÃO MARAVILHOSAS PARA A INDUSTRIA DO CHARAO

Ha annos, chegou ao Brasil, em procura de nova vida, o japonéz sr. Riichi Nakayama.

Estabeleceu-se em Ribeirão Pires, suburbio desta capital; e, depois de varios estudos, achou que as condições naturaes do Brasil são maravilhosas para a industria do charão, não só como paiz produtor da materia prima, mas, também, como produtor industrial desse genero.

Fez sua primeira experiencia — disse-nos elle — em 1930 plantou arvores de que se extrão o liquido do charão, e obteve optimo resultado.

Segundo calculou, daqui a 5 annos as mesmas arvores começarão a fornecer o liquido do charão, numa quantidade de 15 a 20 mil pés por alqueire de terra, aproveitando-se os proprios terrenos inaptos para a plantação de café, verduras, etc. e sendo muito facil a colheita.

Deste modo, um alqueire de terreno poderá, dentro de 5 annos, fornecer lucros de mais de 30 contos de réis.

Por outro lado, ha a vantagem do não oscillar o preço da materia prima, como outros productos, podendo ser vendida esta a mais de 30\$000 por kilo, mesmo no lugar da produção.

O sr. Nakayama, ao mesmo tempo que iniciou a plantação da arvore do charão, installou uma fabrica para sua industrialização em pequena escala, applicando materia prima importada do Japão em artigos lavrados pelos brasileiros, com madeira brasileira e verificou mais que o Brasil tem grandes possibilidades de vir a ser o maior produtor de charão do mundo.

E' possível, pois, vermos, alguns annos mais tarde — continuou o illustre artista — a exportação de materia prima do charão do Brasil para o Japão, e a dos artigos applicados do charão brasileiro para a Europa e America do Norte.

AS VANTAGENS DO CHARAO

O charão é mundialmente afamado, pela excellencia na qualidade, como materia corantelustradora, sem rival, talvez, sob o ponto de vista das bellas-artes e industria, e por ter características admiraveis, como: 1) adherencia consideravel; 2) a extensibilidade maior; 3) a impermeabilidade absoluta; 4) a forte resistencia á humidade; 5) a inalterabilidade á acção de qualquer acido forte ou alcool; 6) grande capacidade de protecção contra a oxydção; 7) a immutabilidade pelo clima; 8) o lustre característico oque lhe dá aspecto elegante, etc.

O campo de applicação do charão, ultimamente, é muito extenso; pois, não se limita só aos objectos ornamentaes como artes, indo até ás industrias modernas, taes como a pintura de vagões, bicycletas, navios, automoveis, aeroplanos e dirigiveis, e servindo de isolamento aos cabos submarinos, etc.

Pela grande extensão do Brasil, podemos mais tarde, realmente, fornecer ao mundo o precioso liquido do charão.

Pelo menos é o que nos affirma o japonéz Nakayama, que é um grande conecedor do assumpto, além de ser um artista integral.

ASSUNTOS AGRÍCOLAS

1918 O. F. 1938

A ÁRVORE DO CHARÃO

J. C. Carneiro

O charão é uma planta japonesa, ou melhor, asiática, produzida de uma espécie de bambu, a qual constitui um elemento de riqueza, principalmente para o Japão, para a China e para a Índia-China francesa.

Na língua japonesa, o nome, a pronúncia da expressão "a árvore do charão" é a seguinte: — "arushu-ko-bi".



Árvore de charão (Rhus succedanea) com 5 anos, cultivada no Horto Florestal — Capital

Para nós do ocidente, a planta charão encerra algo de misterioso, de lendário e que muitos ainda não sabem, ao menos, qual a sua justa significação.

Originalmente japonesa, a planta charão é uma madeira com a qual os antigos japoneses, chineses e indianos, produziam as suas obras de marcenaria.

Atualmente, porém, a planta charão é utilizada para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Os antigos japoneses utilizavam a planta charão para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Atualmente, porém, a planta charão é utilizada para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Os antigos japoneses utilizavam a planta charão para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Atualmente, porém, a planta charão é utilizada para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Os antigos japoneses utilizavam a planta charão para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Atualmente, porém, a planta charão é utilizada para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Os antigos japoneses utilizavam a planta charão para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Atualmente, porém, a planta charão é utilizada para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Atualmente, porém, a planta charão é utilizada para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Atualmente, porém, a planta charão é utilizada para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Os antigos japoneses utilizavam a planta charão para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Atualmente, porém, a planta charão é utilizada para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Os antigos japoneses utilizavam a planta charão para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

Atualmente, porém, a planta charão é utilizada para a fabricação de produtos químicos, principalmente para a fabricação de produtos de limpeza, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

A planta charão é uma planta de grande valor, principalmente para o Japão, onde é utilizada para a fabricação de produtos químicos, como o famoso "Charão" da marca "Kikkawa".

O Estado de S. Paulo — Assuntos Agrícolas — A árvore do charão — 05 de junho de 1941.

Charão, árvore da arte que desafia o tempo

Da lendária China de milênios para os dias convulsivos da era atômica

O famoso verniz transpôs todas as barreiras e pela primeira vez fixou-se no Ocidente.

— Brasil, país privilegiado para a cultura da "Rhus Succedanea"

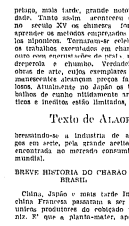
LUTA HERÓICA DE UM IMIGRANTE JAPONÊS QUE SE TORNOU BRASILEIRO



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



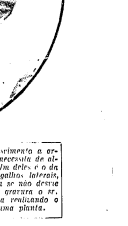
Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."



Riquelme Nakamura: "Quero saber o que tem dentro do meu peito."

Folha da manhã — Charão, árvore que desafia o tempo — 08 de novembro de 1951.

Algumas reportagens, no entanto, chamam a atenção por evidenciar o alto custo dos artefatos de charão e o comércio paralelo que passou a existir em função disso:

A POLÍCIA APREHENDEU MERCADORIAS CONTRABANDEADAS DE VAPORES JAPONEZES

A polícia prendeu ontem os japonezes Gtsuke, proprietário de uma pensão à rua Braz Cubas e Tomoki Robuti, em em poder dos quais foram encontrados os seguintes objetos:

10 pires de madeira, tipo charão; 1 estojo com 8 pratos de porcelana; 1 estojo com uma baixela de metal; 11 estojos de celuloides, para escovas de dentes; 1 sombrinha japonesa; 21 pares de chinelas japonezas, sola de borracha; 1 estojo com pratos de madeira; 3 barricas com conservas; 6 latas com agulhas para vitrola; 13 fa-

cas com cabo de madeira de tipos diversos; 1 espada; 1 caixa com cogumelos seccos; 119 latas de conservas diversas; 1 lata de fumo; 129 pires de tijelas de porcelana; 16 raquetes de madeira; 7 garrafas de Sake; 12 vasos de porcelana; 452 tijelinhos de porcelana, de varios tamanhos e formatos; 229 pires de porcelana, de varios tamanhos e formatos; 1 farinheira de madeira, tipo charão; 145 tijelinhos de madeira, tipo charão, cores diversas; 145 tampas para as mesmas tipo charão, cores diversas; 13 bules para chá, sendo 2 sem tampas; 43 bandejas de madeira (quadradas), tipo charão, tamanho grande; 5 ditas, pequenas; 3 bandejas de madeira, redondas, tipo charão, fundo amarelo; 3 ditas, ta- preto.

Queremos crer que isso não se trata de um contrabando. A relação que publicamos é em quantidade que não se prestaria para o commercio, objectivo de todo contrabandista.

Em todo caso é possível que a polícia no correr do inquerito venha apurar a responsabilidade dos japonezes.

Correio de S. Paulo – A polícia apreendeu mercadorias contrabandeadas de vapores japoneses – 02 de dezembro de 1933.

O alto custo das peças de charão justifica-se pela complexidade e delicadeza de seu preparo

Extração do latex, filtragem e mistura ao pó de madeira — Como se realiza a primeira demão do verniz puro — Técnica da aplicação do charão — Utilidade industrial

O alto custo das peças de charão, decoradas, é devido não apenas à expressão artística que possuem conter, como também ao trabalho material que encerram, principalmente no preparo dos objetos e das tintas e massas, e na sua aplicação.

Na Escola de Charão do Serviço Florestal, a primeira que se organizou na America Latina, a reportagem teve o ensejo de acompanhar os trabalhos de extração do latex, sua filtragem e mistura ao pó de madeira. Assistiu também à aplicação da primeira camada de argila misturada com charão bruto e ao

cuidadoso polimento que se segue, para depois observar o emprego da primeira demão do verniz famoso que há milênios é utilizado na China e no Japão.

DEMORADO, O PREPARO DO MATERIAL PARA O "NAKA-NURI"

"Naka-nuri", como é chamada a primeira demão do verniz puro, apenas acrescido de anilina, é operação delicada, exigindo material de demorado e cansativo preparo.

Consoante informações do sr. Sadao Nakayama (filho do introdutor do charão no Brasil), responsável pelo setor tecnico-pedagogico do estabelecimento do Horto Florestal, para obter-se o verniz nas condições desejadas, coloca-se o charão bruto, filtrado, numa tina, onde ele é mexido sempre num mesmo sentido, durante cinco horas consecutivas. Ao fim deste tempo o liquido torna-se mais denso e a cor se altera um pouco, ficando escurificada. A finalidade dessa operação é tornar o charão mais elastico, o que elimina os sinais dos pincéis.

Após esse demorado amassa-

mento, o liquido é exposto ao sol ou aos raios infravermelhos de lâmpadas especiais, durante o que é mexido por mais três horas, sem interrupção. O verniz fica bem concentrado, de cor escura, quase preta. E este o instante de adicionar-se anilina preta ou de outra cor que se deseje, na proporção de 5%. Essas anilinas devem ser inalteráveis à ação de alcool, de gasolina, de terebentina etc. Após mais alguns minutos de amassamento, estará pronto o charão para a primeira demão.

TECNICA DA APLICAÇÃO DO CHARÃO

A primeira demão é preparatória para a segunda e ultima. O verniz, antes de ser utilizado, recebe 10% de solvente (gasolina, aguarrás ou terebentina) e é em seguida filtrado com o auxilio de um pano de seda forrado com fina camada de algodão. Se a tinta continuar densa, adiciona-se mais um pouco de solvente.

Faz-se a aplicação com pincéis apropriados, em camada bem fina, por igual, em toda a peça, a fim de evitar enrugamentos. A secagem processa-

se em estufa (camara escura). Depois de sete a oito horas não mais persiste o estado pegajoso. Mas, para que possa ser feito o polimento, é necessario que a peça permaneça na estufa no minimo por mais dois dias.

O polimento, feito com carvão vegetal selecionado ou com lixa de agua, tem por fim deixar a superficie bem uniforme, absolutamente lisa. O brilho provindo da tinta desaparece com isto, tomando a peça aspecto opaco, o que não tem maior importancia, uma vez que o brilho definitivo é dado na ultima demão.

APLICAÇÃO INDUSTRIAL

Essa primeira demão preta tem grande aplicação industrial, no revestimento de espulas e outros accessorios texteis, cascos de navios, depositos de alcool, helices de aviões, caixas de munição, fios electricos, flutadores de hidroaviões etc. As peças industriais dispensam polimento, a não ser que tenham recebido duas ou três camadas de verniz.

Folha de S. Paulo – O alto custo das peças de charão justifica-se pela complexidade e delicadeza de seu preparo – 12 de dezembro de 1959.

Se custa barato, não é charão

DO SERVIÇO LOCAL DO ST

Quem gosta de trabalhos confeccionados em verniz — mesas, bichinhos, tigelas, pratos, copos, travessas, garrafas, cerâmicas, cristais e metais — deve visitar a sala onde ficam expostas as peças pintadas pelos alunos do curso de charão, no Hórtio Florestal.

São verdadeiras obras de arte e estão à disposição do público diariamente, das 8h30 às 10h30, e das 13h00 às 17h00. Mas é só para olhar. Nada, ali, se vende. Mesmo porque, dificilmente alguém teria condições para adquirir um dos objetos. Uma mesa de centro, por exemplo, custaria 5 mil cruzeiros novos.

Aliás, para quem pretende colecionar peças trabalhadas com verniz natu-

ral, não vai ser fácil começar. Só se encomendar a um aluno. Não existe uma casa em São Paulo que as tenha para vender. As que você costuma ver nas vitrinas das lojas — de artigos orientais principalmente — são pintadas com acaju importado. Não com charão.

A diferença, caso não saiba distinguir o acaju do verniz natural, estará no preço.



No Brasil a arte é a mesma. Varia a vestimenta

Brasil, o terceiro

Não é qualquer país que conhece a arte de pintar e decorar objetos de madeira com o verniz natural chamado charão. Ou mesmo qualquer outra peça, como vidro, porcelana, cristal e metal. Somente o Japão, China e Brasil.

São Paulo é o único Estado, no País, que tem plantação da árvore de onde se extrai a laca natural. Já se trabalha, inclusive, para que no futuro o charão se transforme num produto de exportação e nova fonte de divisas.

Este trabalho consiste na seleção dos tipos de elementos encontrados na planta produtora do charão, para que sejam escolhidos apenas os que fornecem o verniz de melhor qualidade. Tudo isto está sendo feito no laboratório de pesquisas tecnológicas do Hórtio Florestal da Cantareira, pelo engenheiro-agrônomo Caetano Berzaghi. O mesmo que descobriu o processo de aplicar o charão a frio em vidros, porcelanas, cristais e metais, técnica que somente os japoneses conheciam e guardavam em segredo.

Origem é vegetal

O verdadeiro charão é de origem vegetal, da casca de diferentes espécies de plantas originárias do Extremo Oriente. As mais conhecidas, pela superior qualidade de seu produto são o *Rhus vernicifera* ou *Urushi*, no Japão, o *Haze*, na Indochina, e o *Rhus succedanea* ou *Cay-son* na Indochina. Francês, os dois últimos da família das *Anacardiaceas*.

Na Indochina, um produto semelhante ao charão também é obtido de duas espécies de plantas do gênero *Melanorrhoea*: a *M. lacicera*, Pierrez, e a *M. usitata*, Wall.

O charão é extraído

procedendo-se a cortes na casca das árvores e recolhendo-se a seiva. A forma dos cortes, a quantidade e os métodos de colheita variam de acordo com uma série de fatores, ligados principalmente às condições de solo e clima onde são cultivadas as árvores ou onde crescem naturalmente.

O produto obtido (erroneamente denominado latex, pois nada tem em comum com o extraído das seringueiras) apresenta-se com aspecto cremoso, quer pela sua consistência, quer pela cor amarelada-sombria.

Começou há 4 mil anos

O aparecimento desta arte milenar entra na história a partir da dinastia *Yo Yu*, na China, nos anos 2358-2205 A.C., e das dinastias que se seguiram nos anos 2205-1767 A.C. As peças pintadas externamente com charão preto, e internamente com charão vermelho, eram usadas nas oferendas aos deuses.

No Japão, surgiu na era cristã. Foi em meados do 2.º século dessa era que o príncipe Yamato-Takeru-no-Mikoto descobriu um grupo de plantas de charão em Akiyama, Yamato (hoje prefeitura de Nara). Esse achado levou-o a iniciar a po-

pulação local na produção de objetos de charão com ajuda e proteção governamentais.

Em 1928, ao subir ao trono, o Imperador Hiroito apresentou os membros de sua família com objetos de charão decorados pelo método *makie*. E com taças para *saké*, em *makie* vermelho, todas as pessoas que na ocasião tinham mais de 70 anos, num total de 400.000.

A utilização cada vez maior do charão resultou na criação de faculdades, academias, institutos, escolas superiores de arte e entidades particulares que se dedicam ao seu estudo e aplicação na arte e na indústria. Lá, atualmente, existem dois grupos de artistas: um dos que abraçaram a arte moderna, e outro dos que se conservam fiéis à velha escola, porém atualizando métodos, técnicas e motivos.

A primeira tentativa para introduzir a planta produtora da laca natural denominada charão, no Brasil, foi feita em 1930, quando sementes da espécie *Rhus vernicifera* D.C., do Japão, foram plantadas em São Paulo pelo sr. Ryochi Nakayama.

Não teve êxito, assim como também a segunda tentativa em 1933. O sucesso só veio com a terceira tentativa, em 1934, com sementes da espécie *Rhus succedanea* L., importadas de Hanói, na Indochina.

Francês, pelo agrônomo José Camargo Cabral, então diretor do Serviço Florestal.

Plantada no Hórtio Florestal da Cantareira, a espécie adaptou-se ao meio e alcançou desenvolvimento satisfatório. Aos quatro anos as plantas foram submetidas à primeira extração e o produto obtido apresentou boa qualidade. Hoje existem lá 3.000 árvores. No interior do Estado atingem a 30 mil.

Tem curso mas não têm vaga

Num pavilhão especialmente construído no Hórtio Florestal, funciona o único curso fora do Japão, que ensina a técnica da aplicação do charão. No mesmo local estão o laboratório de pesquisas e a câmara para secagem do verniz.

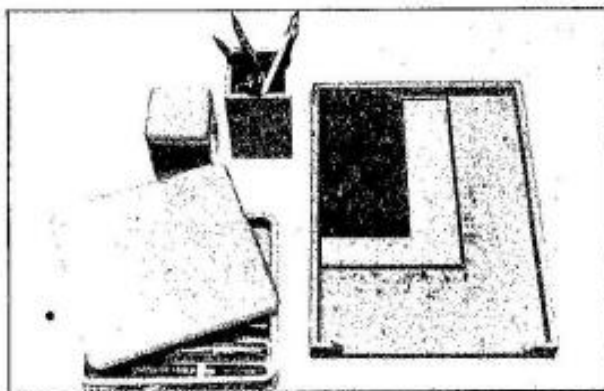
O curso é gratuito e dura dois anos. Desperta tamanho interesse que o número de alunos foi limitado para 100. No momento não há vagas e nem haverá tão cedo, pois existem quase 200 candidatos aguardando vez para a matrícula.

O agrônomo Caetano Berzaghi cuida da parte técnica. As aulas, dadas por quatro professores e uma decoradora, vão de segunda a sexta-feira, pela manhã e à tarde. Os alunos são divididos em grupos de 10, distribuídos em horários e dias diferentes.

Na atual turma existem artistas profissionais.

Todos os apetrechos necessários também são fornecidos de graça, inclusive o pincel de cabelo humano.

Mesmo depois de concluir o curso, o aluno não pode se considerar um mestre na arte de aplicar o charão. Há sempre mais que aprender, face à grande variedade de técnicas existentes.



Jogo de escritório com charão

Um escritório deve ser, antes de tudo, funcional, o que não exclui a beleza dos seus móveis e acessórios. A Larmod apresenta um jogo para mesa de escritório (foto), assinado por Atilio Baschera. Todas as peças — escruteira/cigarreira, porta-lápis, porta-clipe e porta-papéis — são tratadas com charão, que é um

verniz de laca originário do Japão e da China, muito lustroso e resistente. Por ser um material à base de resinas vegetais, ele só é feito nas cores cinza seco, preto, vinho e num tom esverdeado. A Larmod fica na Rua Bahia 490/ 527, em São Paulo, e na Rua Corcovado 250, no Rio.

O GLOBO – Propaganda – Jogo de escritório com charão – 09 de setembro de 1984.

Outras matérias anunciam algumas exposições existentes que tiveram a respeito do charão:

Na Liberdade, japoneses mostram “Arte Koguei”

..Num salão onde, pelas laterais, não faltam pedras e folhagens, na Liberdade, espalham-se dezenas de peças de artesanato: é a 8.ª Exposição de Arte Koguei, promovida pela Associação de Arte Koguei de São Paulo.

..O local é a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. Tradicional e muito praticada no Japão, a Arte Koguei (Artesanato) tem numerosos seguidores no Brasil, tanto que os trabalhos expostos não são apenas de artesãos da Capital, mas de Suzano, Maud, São Simão, Serra Negra, São Miguel e até Londrina.

..Vasos, cerâmicas, bonecas típicas, artesanato em metal, charão, vestidos, “batiks” sobre couro, pequenas esculturas, cestos de vime — há muita coisa para se ver na entidade da rua São Joaquim.

..Mas um dos mais entusiastas da mostra é uma das suas fundadoras, Sada Yasima. Ela, que já figurou como pintora na 3.ª Bienal de São Paulo, nos últimos cinco anos dedica-se à cerâmica. Também Shozo Suzuki, que há tempos igualmente se dedica à cerâmica de alto nível, diz que o Koguei deverá ganhar novas dimensões no próximo ano, quando certamente terá mais participantes. Keinichi Kaneko fala da singularidade da realização artesanal, que no Japão merece tanta atenção e interesse como

a arte em geral. Kaneko apresenta “batiks” em couro, técnica que começa a dominar.

..Também “batik” faz Hisako Ogasawara. Só que o aplica em blombos à moda oriental. Ela, muito tímida, conta que emprega todo o tempo disponível nessa atividade, embora tenha quatro filhos para cuidar, “além do marido e da casa”, acrescenta sorrindo.

..O presidente do Salão, Sangoro Nobumitsu está eufórico com o interesse que a exposição despertou e com os numerosos visitantes que a percorrem. As reverências se sucedem a cada encontro de casais ou conhecidos.

..A exposição continuará aberta somente até terça-feira, dia 16, o dia todo. Os trabalhos são, além dos já citados, de Junko Matsui, Chizu Nagaoka, Sumie Oshima, Toshio Kawamoto, Juho Kojima, Akinori Nakatani, Sizu Miyake, Isamu Hamakami, Takashi Ono, Hideo Todi, Luiza Yoshiro Sakai, Yih-Maon Perng, Yachiyo Koda, Toshiko Ikemori, Shigeo Samegime, Mansenshi Watanabe, Junko Nakajima, Mitko Tada, Humie Tanabe, Shiyoko Bepu, Iwakichi Yamamoto, N. Mitsuhashi, Shozo Nagata, Toshio Kuma, Yoshie Hosoya, Rutsuko Takekawa, Toshiko Hirayama e Terunobu Takekawa.



Hisako Ogasawara elabora uma das bonecas que expõe na Arte Koguei.



Esta é Hisako Ogasawara: aplica “batiks” em blombos orientais.



Rutsuko Takekawa dedica-se à elaboração de metal em relevo.

Folha de S.Paulo – Na Liberdade, japoneses mostram Arte Koguei – 14 de setembro de 1975.



Uma cama rococó, de madeira lavrada, quando os artesãos começam a criar.

A história do Brasil através dos móveis

ÉRICA KNAPP

Do singelo móvel fabricado pelos "obreiros" ou "oficiais mecânicos" como se designavam marceneiros, carpinteiros, (entalhador no século XVI) das missões jesuítas até a sofisticada peça "art-nouveau" já fabricada em escala industrial, a evolução dos estilos no mobiliário brasileiro conta a evolução da própria História — a política, os ciclos econômicos, a dinâmica da sociedade, as manifestações artísticas.

Os raros exemplares (cadeiras, mesas, camas, aparadores) chegaram até os dias de hoje graças aos cuidados das mucamas e sinhas apesar do espírito do interior da casa brasileira ter diferido sempre da europeia no aspecto da informalidade, talvez consequência do nosso clima. Aqui os ambientes interiores foram sempre mais despojados, mais abertos, livres de certos requintes.

STATUS

Logo depois do descobrimento do Brasil, qualquer peça do mobiliário existente era considerada como uma distinção, um atestado de "status" do proprietário pela população composta na sua quase totalidade por índios, jesuítas e obreiros.

Casa com mobiliário só per-

tencia a nobre ou mandatário do Rei.

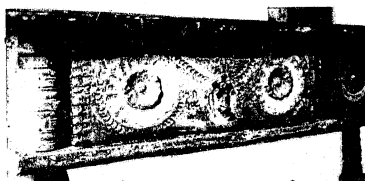
Nesta época, a nobreza mandava confeccionar seus móveis de uso diário em Portugal. Entretanto, logo esta situação mudou quando os jesuítas, querendo se fixar na terra, trataram de construir casas e igrejas e mobiliá-las graças ao trabalho de seus oficiais mecânicos e à riqueza da terra: o pau-brasil.

Em todo o século XVI o móvel brasileiro não tinha características próprias, seguindo modelos da Corte em Lisboa. Mas eram móveis confeccionados com muito cuidado, com bom acabamento. Chegaram até a ser enviados para as casas senhoriais portuguesas. Houve mesmo um naufrágio de navio repleto de móveis brasileiros.

Os primeiros móveis fabricados no Brasil estavam destinados às salas de donas de casa portuguesas (No Brasil, a estrutura social estava ainda em formação).

AS PRIMEIRAS

A casa brasileira, com melhor aparelhamento em termos de mobiliário surge no século XVII com o ciclo da cana-de-açúcar. Ali então aparece o luxo litorâneo das casas senhoriais com a mobília fabricada pelos mestres de obras do próprio enge-



Esta mesa rústica é das feitas em aldeias portuguesas, no século XVIII.

nho. A mansão seguiu o esquema feudal; a mobília era conservada pelas mulheres do gineceu; mucamas; "escravas de dentro de casa".

O móvel brasileiro começa a ser realmente criado no século XVIII. As riquezas geradas com o ciclo da mineração faz com que os marceneiros e entalhadores se tornem mais criativos (é a época do barroco, com toda a sua criatividade, mil voltas, maior flexibilidade nas medidas) e abandonem os rígidos padrões impostos pelas corporações de oficiais mecânicos que seguem o mesmo regulamento da Casa 24 de Lisboa, a guilda dos marceneiros.

Até então, quem fabricava móveis tinha que respeitar religiosamente as medidas ditadas pela guilda se não queria ter a sua tenda (loja) fechada. Não havia intermediário nem a figura do comerciante; quem fazia o móvel, o vendia.

Por isso, não é de se estranhar que, até o século XVIII, o móvel português era uma cópia do português. Os movimentos políticos da Europa tiveram repercussões no Brasil e se fizeram sentir até no mobiliário. Exemplo: o móvel acaudado com pintura envernizada foi o modismo ditado por Portugal comprometido com a Inglaterra que, naquele momento colonizava a China. Ora, o móvel acaudado pretendia ser uma versão do charão, típico chinês.

Peças barrocas de grande requinte talvez tivessem sido o cenário familiar onde os dois enamorados de Minas se encontravam, Marília e Diocoro. As diligentes mulheres das Minas Gerais ajudaram a conservar estas peças.

Dona Maria I, que reinou no

Brasil, foi quem denominou o estilo seguinte do mobiliário brasileiro já influenciado pelas linhas neo-clássicas. Cansados do barroco e do rococó (mais livre ainda do que o barroco) os artistas se voltaram para as linhas puras, retas.

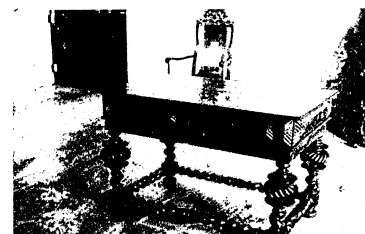
Os ecos das excursões imperialistas de Napoleão têm como seqüências também nas artes. Muito impressionado com arquitetura e arte egípcias ele dita estilo para o mobiliário europeu. São confeccionados móveis que terminam em cabeças de leões, cobras; as peças são grandes (com aspectos arquitetônicos), os espelhos têm colunas e capital. Este estilo essencialmente francês, chamado de Império ou Napoleônico, só vai ser adotado no Brasil no seu declínio.

OMARGINALIZADO Com a abertura dos portos brasileiros às nações por D. João VI, em 1808, muito móvel estrangeiro entrou no Brasil — e de certa forma, marginalizou o móvel fabricado aqui.

No século seguinte, com o ciclo do café, o móvel brasileiro é desprezado, há uma verdadeira aversão contra ele. Os barões do café mandam construir seus palacetes e enviam os croquis para a França; baseados nos desenhos, os franceses confeccionam os móveis. É a época dos móveis Luis XV, sofás dourados, espelhos e "gobelins" dominando as salas.

Ainda no ciclo do café, no início do século XIX, surge um estilo que influencia o mundo inteiro devido às suas características de móvel leve, resistente, de grande funcionalidade e de relativa facilidade de aquisição.

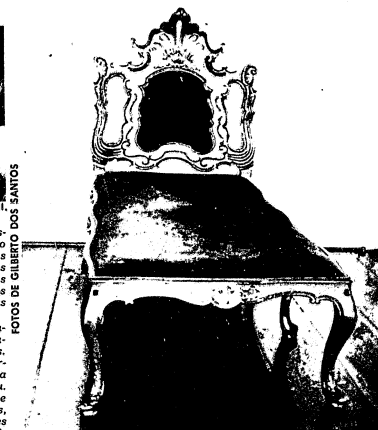
Sem historicismos, o mobiliário "art-nouveau" procura conciliar todos os estilos em uma



Mesa do período manuelino, lavrada em motivos náuticos.



Um excelente exemplar das cadeiras "art-nouveau", no início do século.



Em estilo dom José I, a espregueadeira de veludo e madeira dourada.

peça só. É a arte-móvel, arte-inspirada, arte baseada em qualquer motivo. No Brasil, móveis "art-nouveau" foram muito usados mas as peças mais expressivas eram importadas.

AS AUSTRIACAS

Neste período surgem as famosas cadeiras austriacas chamadas de Thonet, de tendência "art-nouveau", que têm uma importância fundamental na evolução do mobiliário: pela primeira vez no mundo o móvel era produzido em escala industrial e exportado. Inspirado em motivos orientais, Thonet desenvolveu as cadeiras cuja "marca registrada" são as volutas (ele descobriu a técnica de vergar a madeira) e o polvilho do assento. Produzidas na região alemã de Morávia por 5 mil operários já em 1860, as cadeiras Thonet foram compradas pelo mundo inteiro devido às suas características de móvel leve, resistente, de grande funcionalidade e de relativa facilidade de aquisição.

Maria Afonsina, museóloga da casa

"Você sabia que sentar-se no chão, em grandes almofadas não tem nada de novo? Outro dia eu contei numa reunião de jovens, sentados em almofadas, que esta posição era muito adotada no século XV pelos nobres portugueses que ficavam no redor do rei assentado no trono. Influência árabe que dominou a Península Ibérica por 700 anos".

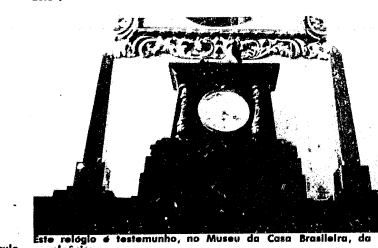
"Esta atitude de cruzar as pernas sobre almofadas também foi adotada pelas mulheres do Brasil Colonial que se sentavam no chão sobre esteiras ou até sobre marquês enquanto bordavam ou conversavam. Desta forma, iam tecendo suas rendas de bilro que é uma expressão erudita que veio da Bélgica através de Portugal. Esta era a diversão das sinhas".

Quem conta tudo isto, animadamente, é Maria Afonsina Furtado Rodrigues, museóloga do Museu da Casa Brasileira. Neste Museu estão peças que representam as diversas fases da evolução do Mobiliário Brasileiro.

Maria Afonsina explica que muito ainda precisa ser feito para o Museu e por isso, quando ela sabe da existência de algum móvel antigo mas realmente antigo e não falsificado como é impingido por aí, vai imediatamente atrás dele, não importa onde. Com diploma universitário no setor, ela está sempre estudando, pesquisando matérias como história, política, economia. Para referendar corretamente os móveis, testemunhas vivas de fases da História.



Maria Afonsina: "quando sei de um móvel antigo legítimo, corro atrás dele".



Este relógio é testemunho, no Museu da Casa Brasileira, da era napoleônica.



A famosa cadeira austriaca, um dos maiores êxitos comerciais no mobiliário mundial.

Dentre os vários anúncios de exposições que foram encontrados, eu entrei em contato com as instituições para levantar mais informações. Um deles (figura a seguir), me levou até o MASP, onde descobri três pastas enormes com documentos de uma exposição que continham peças de charão dos artistas Shozo Nagata e Isao Takai.

Vernissage

ARTE DA COLÔNIA JAPONESA - 80 ANOS DE IMIGRAÇÃO - A exposição conta com 42 artistas japoneses radicados no Brasil. São várias técnicas: pintura, cerâmica, escultura e charão. Num total de 84 obras assinadas por Tomie Ohtake, Manabu Mabe, Flávio Shiró, Takashi Fukushima entre outros. Masp (av. Paulista, 1.578, 2º andar, Cerqueira César, zona central). De terça a sexta, das 13h às 17h. Sábados e domingos, das 14h às 18h. Até 10 de julho. Abertura, às 19h.

DESTAQUE - BRASIL JAPÃO - 80 ANOS - Estarão expostas peças do século 16, peças da "Cerimônia do Chá", pinturas de Tomie Ohtake, esculturas de Akiko e cerâmicas de Kimi, Nakatami e Megume. Arte Aplicada (r. Haddock Lobo, 1.406, tel. 852-5128, Jardins, zona sul). De segunda a sexta, das 9h às 19h; sábados, das 9h às 14h. Até dia 25.

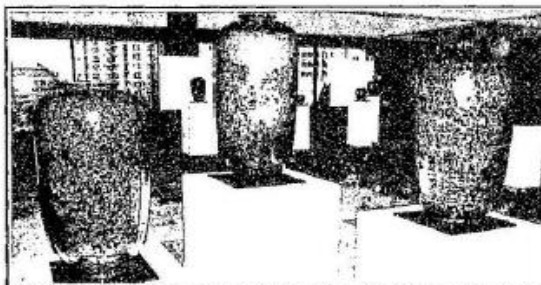
Folha de S.Paulo – Arte da Colônia Japonesa - 80 anos de Imigração – 18 de junho de 1988.

Infelizmente, é possível notar nas mídias o efetivo declínio do charão. Conforme a pesquisa avançava para mais perto da nossa atualidade, maior a escassez de materiais.

Charão, arte milenar em extinção

SÃO PAULO — Uma arte milenar oriental praticamente em extinção está sendo exibida no Museu de Arte de São Paulo (Masp). Trata-se da exposição "A arte do charão em corpo cerâmico", do japonês naturalizado brasileiro Isao Takai. Mais do que o interesse comercial, o artista tem como objetivo difundir a técnica. A mostra reúne desde pequenos vasos e esculturas, algumas com apelo kitsch, até enormes cântaros, todos feitos de argila com fina espessura e decorados com uma justaposição de cores que se revela rica e, em muitos casos, deslumbrante.

Charão é uma resina extraída de alguns tipos de árvores encontradas no Oriente e também no Brasil (no nosso caso, pode-se obter o líquido da mangueira e do cajueiro). Sua função é basicamente dar cor, tornar brilhante, trazer beleza a certas peças. Mas é no manuseio — chega a provocar graves irritações na pele — que está o grande segredo artístico. Séculos atrás, segundo informou Takai, era comum ver esse tipo de arte no Japão e na China. Hoje, está praticamente extinta no



No Masp, a mostra da arte do charão: vasos gigantescos, alguns de apelo kitsch, de Isao

Com argila de fina espessura e deslumbrante contraste de cores fazem-se todos os tipos de vaso

primeiro país (numa viagem que fez a sua terra natal, o artista encontrou só uma pessoa utilizando esse trabalho) e existe em pequena escala no segundo.

Engenheiro formado, ex-feirante e dono de uma pequena empresa, Takai começou a aplicar o charão em suas cerâmicas, atividade que exerceu como um hobby, em 1971 logo depois daquela viagem.



Isao Takai, paciência do começo ao fim

Em todas as fases os toques de Isao

Admirado com a beleza do trabalho realizado, só depois de ver as primeiras peças é que resolveu aprofundar-se no estudo e aplicação da técnica e explorar todas as suas utilizações.

Depois de expor no Salão Paulista (82), no Club Homens (84) e nos principais espaços das casas de cultura da colônia japonesa radicada em São Paulo, Takai resolveu mostrar sua arte nos salões mais consagrados. Para expor no Masp, o artista acabou lendo o aval do Diretor Pietro Maria Bardi de uma forma pouco convencional: Bardi pediu prioridade para a exposição e seus assessores tiveram que "quebrar a cabeça", como disse, o artista, para encaixar sua mostra no consorciado calendário do museu.

A arte de Isao Takai passa por diversos processos, todos eles marcados pela paciência comum aos orientais: ao botar um vaso no forno para queimar, em temperatura superior a 900 graus, ao esterilizar a estufa e no esfriamento que, obrigatoriamente, deve seguir o mesmo ritmo de aquecimento — em tudo há um toque absolutamente pessoal. Depois de queimada, a peça recebe diversas camadas coloridas, uma finíssima camada de lãxador, lixada vagarosamente.

Para apontar um vaso médio (cerca de 30 centímetros de altura), Takai demora um dia. Nos maiores (um metro e meio), consome em média duas semanas.

O GLOBO — Charão, arte milenar em extinção — 21 de maio de 1985.

Mofando há 50 anos em SP, acervo de arte japonesa corre risco

Projeto de R\$ 1 milhão para salvar 205 peças foi aprovado pela Lei Rouanet, mas nenhuma empresa se interessou

Atualmente, a coleção de arte em laca está guardada em armários no Horto Florestal, longe do acesso público

JOÃO PAULO CHARLEAUX
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

São Paulo está a poucos dias de perder o maior acervo em laca (urushi) da América Latina. A maior parte da coleção de 205 peças de arte japonesa está mofando há 50 anos em armários do Museu Octávio Vecchi, no Horto Florestal, longe do acesso público.

Para salvar as obras, a artista plástica japonesa Takako Nakayama e a museóloga Rosalaine Barros Machado aprovaram um projeto de quase R\$ 1 milhão pela Lei Rouanet. Mas, até agora, nenhuma empresa se interessou.

"O fim de ano é o período de captação de recursos, mas não tivemos respostas", disse Rosalaine, responsável pe-

lo museu há 18 anos. O prazo se encerra no meio de 2012.

O conjunto de delicados quadros, potes, pratos, bandejas, mesa e biombo são considerados por Takako o melhor exemplo no Brasil do que os japoneses chamam de "kogoei" — arte aplicada aos objetos cotidianos.

"Não é artesanato", diz Takako. "Os japoneses buscam aprimorar cada peça, que é considerada única. Não é produção artesanal em série."

Entre 1930 e 1970, o Horto abrigou uma escola de arte em laca japonesa. Os professores, imigrantes, plantaram ali sementes de charão trazidas do Vietnã. A planta — da qual corre a seiva usada para laquear objetos de arte — dá cocóia.

Por isso, muitos pés foram sendo arrancados por frequentadores e funcionários.

Takako, que chegou ao Brasil em 2005, vê nas peças um registro da história da imigração japonesa. Ela conta que, para corrigir imperfeições da madeira encontrada aqui, fo-

ram usados pedaços de gazes de linho entre a superfície de madeira e as 50 camadas de laca, aplicadas com pincéis feitos de cabelo humano.

Algumas peças, com motivos chineses ou detalhes em madrepérola e ouro, revelam, segundo ela, uma tentativa de aproximar a estética oriental da ocidental. "Os brasileiros deviam achar a arte japonesa discreta e sóbria demais. Provavelmente, os alunos preferiam encher as peças com figuras mais vistosas", diz.

Outra ponte usada entre as duas culturas aparece nas peças com motivos cristãos, como a pomba branca do Espírito Santo ou cruzeiros.

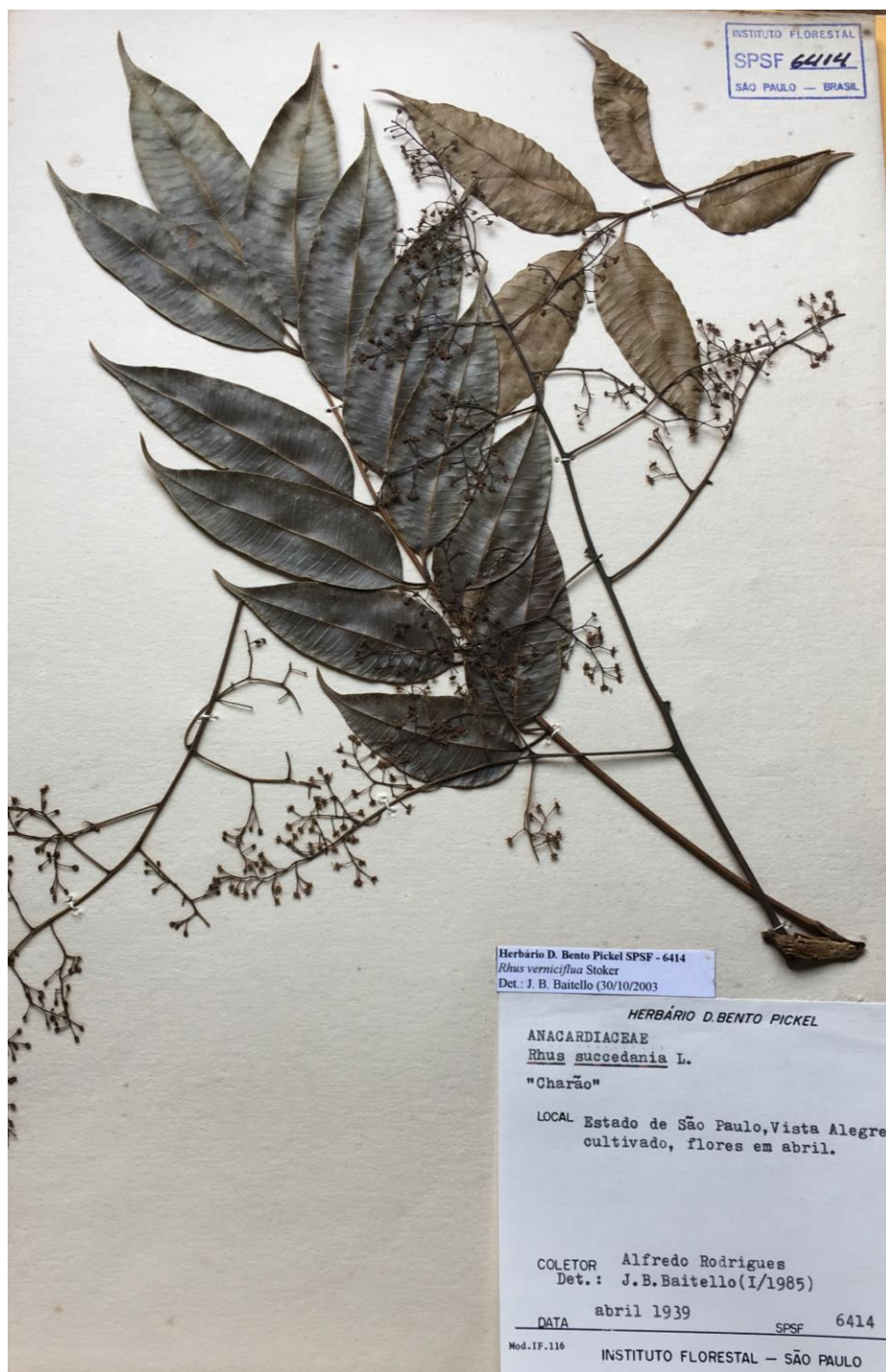
A técnica reconstituiu uma escola criada no século 16 no Japão, a Nanban Shikki. Quando os portugueses se encantaram com a arte em laca, artistas japoneses começaram a introduzir motivos cristãos, favorecendo a exportação das peças. "É espantoso reencontrar essas pontes 500 anos depois, no Brasil", diz Takako.



A artista plástica Takako Nakayama, que tenta dar um destino às peças guardadas em SP

Folha de S. Paulo — Mofada há 50 anos em SP, arte japonesa corre risco — 22 de novembro de 2011.

As pesquisas de campo também permitiram obter mais informações. A seguir está uma foto da folha da árvore de charão com suas respectivas folhas, localizadas durante uma visita ao herbário Dom Bento Pickel, localizado no Instituto Florestal de São Paulo.



Amostra coletada em abril de 1939, em Vista Alegre, São Paulo.

3.6 Entrevistas

Para que os podcasts pudessem ser realizados, foram efetuadas algumas entrevistas. Como se trata de um assunto bem específico e raro, encontrar pessoas que falem sobre o assunto foi um grande obstáculo.

Cabe ressaltar que todas as entrevistas foram realizadas de forma presencial.

A seguir segue os detalhes de cada entrevistado:

Francis Jean Marie – Artista francês – Fez pós-graduação em Belas Artes na Universidade de Tokyo (Japão) e especialização em *urushi* no Instituto Nacional de Bens Culturais de Tóquio – Atualmente é o único artista no Brasil que sabe a técnica de charão;

João Batista Baitello – Biólogo, Pesquisador Científico – Áreas de atuação: Fitossociologia; Florística; Recuperação de áreas degradadas e/ ou alteradas; Taxonomia vegetal – Trabalha no Instituto Florestal;

Michiko Okano – Possui graduação em Faculdade de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Foi assessora cultural sênior da Fundação Japão (1995 a 2009) – Atualmente, é professora de História da Arte da Ásia no curso de Pós-graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP);

Natália Ferreira de Almeida – Formada em advocacia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e pós-graduada em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – É responsável pelo Museu Florestal Octávio Vecchi;

Osny Tadeu de Aguiar – Biólogo e Pesquisador Científico – Áreas de atuação: Fitossociologia; Florística; Recuperação de áreas degradadas e/ ou alteradas; Taxonomia vegetal – Trabalha 40 anos no Instituto Florestal;

Sérgio Nakayama – Filho do Kyoji Nakayama (que chegou ao Brasil com 4 anos) – Portanto é descendente direto (neto) do Ryoichi Nakayama.

De forma geral, eu me preocupei bastante com a qualidade sonora das entrevistas, mas alguns imprevistos fizeram com que duas entrevistas tivessem ruídos.

Uma delas foi a do João Batista Baitello. No dia da gravação estava muito quente, assim, para aguentar a temperatura foi imprescindível manter o ventilador ligado, mas o mesmo era um modelo antigo que fazia bastante barulho.

A outra foi a da Michiko Okano. Devido aos seus compromissos, a entrevistada preferiu combinar o encontro em uma padaria. Apesar de o horário não ser de grande movimentação de pessoas, muitos ruídos foram captados, mesmo depois de termos mudado de lugar.

Foram tentadas também outras pessoas para entrevistar.

Entrei em contato, por exemplo, com a artista Takako Nakayama (que apesar do sobrenome, não tem relação com a família precursora) que faz peças em charão, mas ela está morando nos Emirados Árabes e conforme as restrições do país, não seriam permitidas nenhum tipo de entrevista.

Também liguei para Associação de Arte Koguei, que fica no bairro da Liberdade, em São Paulo, a respeito de uma exposição sobre o tema, porém me informaram que não teriam peças de charão.

Ainda assim, fui indicada a falar com Kenjiro Ikoma, vice-presidente da entidade. Por telefone, ele me explicou que não conhece mais ninguém no Brasil que faz o charão e que não possui artistas dessa categoria afiliados.

Algumas pessoas que apareciam nos materiais foram procuradas, mas a maioria já faleceu.

Também entrei em contato com o Conjunto Nacional (localizado na Paulista) a respeito de uma exposição antiga e com o Museu da Imigração Japonesa de São Paulo, mas ambos afirmaram não ter conhecimento sobre o assunto.

3.7. Roteiro do podcast

Para a composição deste trabalho, foram realizados três episódios com aproximadamente 10 minutos cada.

3.7.1. Primeiro episódio

Esse episódio conta a o que é a arte Koguei, especificando um dos seus nichos que é o charão.

Além disso, é evidenciado do auge até o declínio dessa técnica oriental no Brasil com o passar dos anos.

Para compor a narrativa, foram utilizados os seguintes entrevistados:

Francis Jean Marie;
João Batista Baitello;
Michiko Okano;
Natália Ferreira de Almeida;
Osny Tadeu de Aguiar.

3.7.2. Segundo episódio

É focado, essencialmente, na imigração do Ryoichi Nakayama (precursor da arte de charão no Brasil).

Para compor a narrativa, foram utilizados os seguintes entrevistados:

Natália Ferreira de Almeida;
Sérgio Nakayama.

3.7.3. Terceiro episódio

Acompanha uma trilha (caminhada) no Instituto Florestal de São Paulo para encontrar resquícios da árvore de charão.

Para compor a narrativa, foram utilizados os seguintes entrevistados:

João Batista Baitello;
Osny Tadeu de Aguiar.

4. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizado inicialmente um grande aprofundamento teórico, incluindo principalmente pesquisas em acervos midiáticos.

O projeto incluiu diversas pesquisas *in loco*, como em museus, acervos e bibliotecas específicas.

A partir de então, foi possível localizar pessoas e entidades que estão relacionadas ao tema, para recompor a história e, conseqüentemente, o material auditivo.

Com as informações e depoimentos, fui capaz de elaborar um roteiro como forma de nortear as gravações, montagens e edições, abordando tópicos que incluem o descritivo do charão, a chegada da arte e da técnica no país, a relação entre a escola de charão e o museu, e as pessoas que continuam a arte aqui no Brasil.

5. CRONOGRAMA

Atividades	2019					
	<i>Jul</i>	<i>Ago</i>	<i>Set</i>	<i>Out</i>	<i>Nov</i>	<i>Dez</i>
Aprofundamento bibliográfico	X	X				
Levantamento histórico	X	X				
Definição de roteiro	X	X	X			
Agendamento de entrevistas			X	X		
Gravação de entrevistas			X	X	X	
Pesquisa de trilhas			X	X	X	
Transcrição de entrevistas			X	X	X	
Edição e montagem				X	X	X
Elaboração final do Tcc					X	X
Banca						X

CONCLUSÃO

Com as pesquisas e entrevistas, foi possível traçar um melhor entendimento sobre a arte do charão.

Identificamos que antes da técnica chegar ao Brasil, ela era apenas presente no país por meio de importações que costumavam ser comercializadas através de leilões.

Após a chegada da técnica por Ryoichi Nakayama e com o apoio do então Serviço Florestal, notamos um espaço maior na mídia e um vasto interesse em aprendizagem da técnica, principalmente pelas pessoas de alto padrão, que economicamente tinham mais facilidades.

Neste período também começa a aparecer anúncios frequentes de peças de charão em grandes lojas de varejos, sugerindo a venda de peças como forma de deixar mais elegante o ambiente. Entretanto, pelos preços em que são comercializados e por algumas características estéticas (como peso, brilho e cheiro), fica claro que são imitações.

É possível conferir artigos de roupas e objetos culinários que também usam o charão.

Teve ainda a tentativa de utilizar a técnica em hélices de madeira dos aviões. Entretanto, com o advento das tecnologias, o uso foi inviabilizado.

Com a morte de Nakayama, de alguns de seus filhos que continuaram a técnica e com o fechamento das Escolas de Charão, a arte foi ficando adormecida.

Hoje em dia, infelizmente os descendentes da família Nakayama não fazem nenhuma peça e não detêm mais o domínio por completo da técnica.

Outros motivos também contribuíram para a interrupção do charão no Brasil.

Um deles foi o surgimento do revestimento de objetos com o óleo da castanha de caju, que é um investimento barato e de retorno mais imediato.

Ademais, tem a questão da árvore de charão apresentar um alto nível de toxicidade, o que pode causar uma severa alergia nas pessoas que de alguma forma são mais sensíveis.

Outra percepção é a da restrição e o “fechamento” dos artesãos em repassar as técnicas. Segundo relatos, as pessoas precisam ter o interesse e buscar o

aprendizado, dessa forma elas mostram que são dignas e merecedoras do conhecimento. Isso, de certa forma, restringe ainda mais o acesso à arte.

Tecnicamente o charão permanece inalterado quanto a sua criação. Mas a diminuição dos artistas também ocorre pela modernização, que afasta as pessoas da vida cotidiana, especialmente os japoneses que possuem tanta tradicionalidade (NISHIMURA, p.33).

Michiko Okano destacou na entrevista que o Brasil tem um ótimo espaço para se produzir o charão, porque ele permite a criação de outras peças diferenciadas, como foi no caso da artista Takako Nakayama que fez dois quadros, sem títulos, que são desenhos e entalhes sobre a laca. Comparado aos países orientais, é uma forma de ser mais criativo e ter a livre escolha da criação, justamente por se afastar do tradicionalismo.

Posso dizer que aprendi muito com todas essas pesquisas e entrevistas, consegui amadurecer muito mais profissionalmente.

Apesar desse ser o trabalho de finalização do curso, a minha história com o charão ainda prosseguirá.

Eu criei um site (conforme aparecem os detalhes no anexo) onde eu disponibilizarei todos os materiais encontrados, os podcasts e outros textos que fiz sobre o assunto.

É uma forma de conseguir divulgar para que as pessoas conheçam e tenham acesso a essa arte.

A minha grande esperança é que as pesquisas voltem a despertar e a engrenar a cultura do charão novamente aqui no Brasil.

REFERÊNCIAS

Artigos, Anúncios e Propagandas em Jornais sem assinaturas

A arte dá lugar a repartição pública. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 12, 05 de setembro de 1973.

A cultura do charão no Brasil: Um novo produto que merece as atenções gerais. *Diário Nacional*, São Paulo, p. 04, 07 de abril de 1932.

A XI Festa da uva movimenta a cidade. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 07 de março de 1975, Interior, p. 49.

A indústria do charão: Fala á “Gazeta” o Dr. Ryoichi Nakayama, sobre uma das mais futuras produções do Brasil. *A Gazeta*, São Paulo, p. 04, 13 de abril de 1932.

A maravilhosa arte do charão e as miniaturas japonesas. *Jornal do dia*, Rio Grande do Sul, p. 09,14 de setembro de 1958.

A polícia aprendeu mercadorias contrabandeadas de vapores japoneses. *Correio de S.Paulo*, São Paulo, p. I (capa), 02 de dezembro de 1933.

ALCANÇA êxito o trabalho de incentivo à valorização da árvore e da floresta: Sob o patrocínio da União agem de comum acordo o Serviço Florestal do Estado e a Divisão de Parques e Jardins da Prefeitura Municipal de São Paulo: Curso rápido de viveiristas para educadoras – reflorestamento intensivo. *Correio Paulistano*, São Paulo, p.08, 05 de dezembro de 1959.

Antigo e Ultramoderno. *Folha da Manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 12 de abril de 1953. Suplemento da Folha da Manhã, Ultramoderno, p. 12.

ARTE da colônia japonesa: 80 anos da imigração. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 18 de junho de 1988. Folha Ilustrada, Acontece, Artes Plásticas, Vernissage, p. A45.

ARTE da colônia japonesa: 80 anos da imigração. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 19 de junho de 1988. Folha Ilustrada, Acontece, Artes Plásticas, Coletivas, 5º caderno, p. A58.

ARTE da colônia japonesa: 80 anos da imigração. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 de junho de 1988. Folha Ilustrada, Acontece, Artes Plásticas, Coletivas, p. A41.

ARTE da colônia japonesa: 80 anos da imigração. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 24 de junho de 1988. Folha Ilustrada, Acontece no fim de semana, Artes Plásticas, Coletivas, p. A40.

ARTE da colônia japonesa: 80 anos da imigração. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 25 de junho de 1988. Folha Ilustrada, Acontece, Artes Plásticas, Coletivas, p. A40.

ARTE da colônia japonesa: 80 anos da imigração. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 30 de junho de 1988. Folha Ilustrada, Acontece, p. A49.

ARTE Koguei em Curitiba. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28 de fevereiro de 1971. Folha Feminina, 4º caderno, p. 45.

AS tradições do Japão no Morumbi. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 06 de abril de 1984. Suplemento de Turismo, p. 02.

BOLSA de arte. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 05 de janeiro de 1975. Sexto caderno, Artes Visuais, p. 52.

CASA Nakaya (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 14 de dezembro de 1958. Assuntos gerais, p. 05.

CELYARA (propaganda). *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 26 de julho de 1960. Segundo caderno, p. 11.

CELYARA (propaganda). *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 04 de agosto de 1960. Segundo caderno, p. 11.

CETICISMO. *Correio Paulistano*, Rio de Janeiro, 21 de julho de 1954. Notícias do Rio e dos Estados, p. 03.

CHARÃO. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 04, 01 de junho de 1955.

CHARÃO, arte milenar em extinção. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 de maio de 1985. Segundo caderno, p. 03.

CHARÃO, uma árvore com muito perigo. *Folha de S.Paulo*, Brasília (sucursal), 19 de janeiro de 1975. Segundo caderno, local, p. 12.

CHARLES Hu & C. S. Paulo (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 05, 28 de dezembro de 1905.

CHARLES Hu & C. S. Paulo (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 04, 01 de janeiro de 1906.

CHARLES Hu & C. S. Paulo (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 05, 03 de janeiro de 1906.

CRIADA em São Paulo a Escola de Charão. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 10, 31 de dezembro de 1958.

CRUZADA artística: continuam a chegar valiosos donativos – Os preparativos para a exposição e rifa. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 02, 03 de setembro de 1932.

CONCURSO no quinto aniversário da AC Brasil-Japão. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 de novembro de 1961. 1ª Edição, Primeiro caderno, p. 10.

CULTURA do charão. *Jornal do dia*, Rio Grande do Sul, 15 de setembro de 1965. Suplemento Agropecuário, p. 02.

CULTURA do charão. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 07 de julho de 1965. Suplemento Agrícola, p. 06.

DESVENDAM-SE aos brasileiros os segredos da arte do charão: Todas as minúcias do preparo daquele verniz são ensinadas aos alunos da Escola do Horto Florestal – Tradicional atividade artística, oriunda do Japão e da China, que ora também se cultiva em São Paulo. *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 18 de janeiro de 1959. Assuntos Especializados, p. 02.

DEZ dias no outono japonês. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 30 de setembro de 1973. Suplemento Turismo, p. 11.

EDIFÍCIOS para a Escola de Charão. *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 17 de fevereiro de 1959. Assuntos Especializados, p. 02.

ELETORADIOBRAZ (propaganda). *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 23 de abril de 1972. Primeiro caderno, p. 11.

ELETORADIOBRAZ (propaganda). *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 07 de maio de 1972. Segundo caderno, p. 01.

ELETORADIOBRAZ (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 15, 16 de abril de 1972.

ESCOLA de charão. *Correio da Manhã (RJ)*, São Paulo, 30 de abril de 1960. Primeiro caderno, p. 04.

ESCOLA de charão. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 15, 17 de fevereiro de 1959.

ESCOLA de charão no Serviço Florestal. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 de fevereiro de 1959. Segundo caderno, p. 04.

ESPLÊNDIDO leilão (propaganda). *A Província de São Paulo (O Estado de S.Paulo)*, São Paulo, p. 04, 13 de abril de 1877.

ESPLÊNDIDO leilão (propaganda). *A Província de São Paulo (O Estado de S.Paulo)*, São Paulo, p. 04, 15 de abril de 1877.

EXPOSIÇÃO de charão. *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 de novembro de 1959. Segundo caderno, p. 04.

EXPOSIÇÃO de charão e derivados em Bauru. *Correio Paulistano*, São Paulo, 11 de agosto de 1955. Segundo caderno, p. 03.

EXPOSIÇÃO de charão em Piracicaba. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 27 de novembro de 1955, Interior, p. 84.

HACHIYA (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 20 de dezembro de 1957. Assuntos Gerais, p. 03.

HACHIYA (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 21 de dezembro de 1958. Assuntos Culturais, p. 06.

HACHIYA (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 15 de novembro de 1959. Vida Social, p. 07.

HACHIYA (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 22 de novembro de 1959. Vida Social, p. 10.

HACHIYA (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 13 de dezembro de 1959. Vida Social, p. 11.

HACHIYA (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 18 de dezembro de 1960. Folha Feminina, p. 12.

HASE & Cia (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 20 de dezembro de 1956. Assuntos Gerais, p. 06.

HASE & Cia (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 30 de dezembro de 1956. Assuntos Gerais, p. 02.

HASE & Cia (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 03 de fevereiro de 1957. Vida Social e Doméstica, p. 46.

HASE & Cia (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 17 de fevereiro de 1957. Vida Social e Doméstica, p. 04.

HASE & Cia (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 24 de fevereiro de 1957. Atualidades e Comentários, p. 11.

HASE & Cia (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 03 de março de 1957. Vida Social e Doméstica, p. 33.

HASE & Cia (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 24 de março de 1957. Vida Social e Doméstica, p. 48.

HASE & Cia (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 31 de março de 1957. Atualidades e Comentários, p. 72.

HASE & Cia (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 06, 05 de março de 1957.

HASE & Cia (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 08, 12 de março de 1957.

HOJE, a Arte Koguei. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 14, 27 de agosto de 1970.

HORTO Florestal da Cantareira: reserva de ar puro na cidade. Escola de Charão. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 07 de setembro de 1962. Turismo, p. 19.

IMPORTANTÍSSIMO leilão (propaganda). *A Província de São Paulo (O Estado de S.Paulo)*, São Paulo, p. 06, 13 de abril de 1878.

IMPrensa do Interior. *Correio Paulistano*, São Paulo, 14 de dezembro de 1955. Primeiro caderno, p. 06.

INAUGURADA a escola do charão; grande aplicação industrial. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 25, 01 de maio de 1960.

INTERESSES de industriais japoneses pela produção do verniz do “charão” em São Paulo. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 12 de abril de 1953. Assuntos Especializados, p. 08.

INTERESSES do Japão pelo “charão” do Vale do Ribeira. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 05, 15 e 24, 12 de abril de 1953.

ISNARD (propaganda). *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 29 de outubro de 1972. 8º Caderno, Folha Feminina, p. 76.

JARDIM Botânico. *Correio Paulistano*, São Paulo, 07 de junho de 1959. Primeiro caderno, p. 11.

JOGO de escritório com charão (propaganda). *O Globo*, Jornal da Família, Rio de Janeiro, p. 04, 09 de setembro de 1984.

LEILÃO (propaganda). *A Província de São Paulo (O Estado de S.Paulo)*, São Paulo, p. 03, 13 de fevereiro de 1876.

LEILÃO (propaganda). *A Província de São Paulo (O Estado de S.Paulo)*, São Paulo, p. 03, 21 de março de 1886.

LEILÃO (propaganda). *A Província de São Paulo (O Estado de S.Paulo)*, São Paulo, p. 03, 27 de março de 1886.

LEILÃO (propaganda). *A Província de São Paulo (O Estado de S.Paulo)*, São Paulo, p. 03, 27 de abril de 1889.

LEILÃO (propaganda). *A Província de São Paulo (O Estado de S.Paulo)*, São Paulo, p. 03, 13 de fevereiro de 1876.

LEILÃO (propaganda). *A Província de São Paulo (O Estado de S.Paulo)*, São Paulo, p. 03, 16 de julho de 1889.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 21 de novembro de 1890.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 27 de outubro de 1892.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 02, 30 de outubro de 1892.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 25 de março de 1896.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 21 de outubro de 1896.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 03 de dezembro de 1896.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 07 de fevereiro de 1897.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 08 de fevereiro de 1897.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 30 de março de 1897.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 28 de fevereiro de 1898.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 05 de março de 1898.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 04, 10 de março de 1898.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 27 de março de 1898.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 28 de março de 1898.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 20 de junho de 1898.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 12 de agosto de 1898.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 17 de agosto de 1898.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 22 de outubro de 1898.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 29 de outubro de 1898.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 05, 05 de dezembro de 1899.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 04, 23 de fevereiro de 1900.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 04, 14 de março de 1900.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 05, 01 de agosto de 1900.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 04, 12 de novembro de 1900.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 08 de dezembro de 1900.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 05, 22 de março de 1901.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 13 de abril de 1901.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 04, 12 de maio de 1901.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 13 de maio de 1901.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 05 de abril de 1902.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 06 de abril de 1902.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 04, 10 de dezembro de 1904.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 04, 23 de julho de 1905.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 09 de setembro de 1905.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 04, 07 de dezembro de 1905.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 05, 20 de dezembro de 1905.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 19 de fevereiro de 1906.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 05, 20 de junho de 1908.

LEILÃO (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 06, 12 de maio de 1909.

LEILÃO – Feira de móveis (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 04, 15 de dezembro de 1899.

LEILÃO – Soberbo e Belo leilão de móveis finos Furtado de Mendonça – Salão de Refeições (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 28 de outubro de 1902.

LINHA para escritório (propaganda). *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 12 de agosto de 1984. Bazar Mulher, p. 12.

MAPPIN Stores (propaganda). *Diário Nacional*, São Paulo, p. 5, 20 de dezembro de 1931.

MARCO Polo (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 15, 08 de dezembro de 1959.

MESBLA (propaganda). *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1957. Segundo caderno.

MORTES, Sadao Nakayama. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 21 de junho de 2011. Cotidiano, p. C8.

MOSTRA de cartões é destaque no Museu da Madeira: Exposição, que retrata fauna e flora do Pantanal, fica em cartaz até quarta-feira. *Estadão Norte, O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. ZN2, 26 de julho de 2002.

MOSTRAS do mês de junho. *O Globo*, São Paulo, 30 de junho de 1985. Caderno de Turismo, p. 03.

MUSEU de charão. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 10, 02 de março de 1957.

MUSEU Florestal. O Estado de S.Paulo, São Paulo, p. 26, 05 de janeiro de 1986. NA Liberdade, japoneses mostram “Arte Kogoei”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 de setembro de 1975. Quinto caderno, Vida Social/ Feminina, p. 62.

NOVOS vasos em suporte de charão coloridos. *O Globo*, Jornal da Família, Rio de Janeiro, p. 02, 19 de setembro de 1982.

O alto custo das peças de charão justifica-se pela complexidade e delicadeza de seu preparo: Extração do látex, filtragem e mistura ao pó de madeira – Como se realiza a primeira demão do verniz puro – Técnica de aplicação do charão – Utilidade industrial. *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 12 de fevereiro de 1959. Assuntos Especializados, p. 01.

O charão. *Vida agrícola, Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, p. VIII, 15 de outubro de 1933.

O cônsul japonês em S. Paulo visitou, ontem á noite, a escola de sociologia e política. *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, p. I (capa), 08 de agosto de 1933.

O Horto nasceu em 1896. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 de maio de 1972. Local, p. 06.

PALHA, latão, charão e laca. *O Globo*, Jornal da Família, Rio de Janeiro, p. 06, 26 de dezembro de 1982.

PARQUE Estadual destaca contato com a natureza: Espaços mantêm programação de atividade durante o feriado prolongado. *Estadão Norte, O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. ZN3, 26 de dezembro de 2003.

PEQUENA nota. *Correio Paulistano*, São Paulo, 27 de janeiro de 1957. Segundo caderno, Agricultura e Pecuária, p. 04.

PERFUMARIA Lopes (propaganda). *A Gazeta*, São Paulo, p. 07, 22 de dezembro de 1932.

PERFUMARIA Lopes (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 04, 13 de dezembro de 1931.

PERFUMARIA Lopes (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 02, 17 de dezembro de 1931.

PERFUMARIA Lopes (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 03, 22 de dezembro de 1931.

PERFUMARIA Lopes (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 02, 01 de janeiro de 1933.

PERVAL (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 09 de junho de 1948. 1º caderno, p. 05.

PERVAL (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 10 de junho de 1948. 1º caderno, p. 07.

PERVAL (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 11 de junho de 1948. 1º caderno, p. 05.

PERVAL (propaganda). *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 12 de junho de 1948. 1º caderno, p. 05.

PERVAL (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 04, 09 de junho de 1948.

PERVAL (propaganda). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 07, 11 de junho de 1948.

PLANTIO de charão em Jacupiranga (autoria: correspondente). *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 16, 01 de janeiro de 1965.

RELIGIOSO japonês com Natel. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 07 de julho de 1972. Local, p. 06.

RENOVAM arte milenar. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 03 de outubro de 1958. Suplemento Feminino, p. 12 e 13.

RESIDE na decoração uma das fases mais difíceis da arte do charão: Minuciosa técnica, ao lado de cuidados especiais na utilização do famoso verniz oriental – Qualquer deslize prejudicará a perfeição do trabalho – 20 dias para a secagem da última demão. *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 10 de fevereiro de 1959. Assuntos Especializados, p. 02.

SÃO Paulo Social. *Correio Paulistano*, São Paulo, 29 de novembro de 1958. Primeiro caderno, p. 05.

SÃO Paulo Social. *Correio Paulistano*, São Paulo, 30 de novembro de 1958. Primeiro caderno, p. 05.

SÃO Paulo Social. *Correio Paulistano*, São Paulo, 05 de dezembro de 1958. Primeiro caderno, p. 05.

SÃO Paulo Social. *Correio Paulistano*, São Paulo, 30 de dezembro de 1958. Primeiro caderno, p. 05.

SE custa barato, não é charão. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 16 de fevereiro de 1968. TURISMO, suplemento do “Estado”, p. 07.

SEMENTES de Pinus elliottii e de charão. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 20 de abril de 1960. Suplemento Agrícola, p. 11.

SENSACIONAIS revelações de um nipo-brasileiro: um meticuloso plano de conquista do Brasil. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, Mato Grosso, p. 01 (capa), 22 de março de 1942.

TUDO sobre o artesanato japonês. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 de setembro de 1977. *Folha Ilustrada*, Acontece, p. 42.

YAOHAN (propaganda). *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. 08 e 09, 02 de agosto de 1974.

Artigos em Jornais com assinaturas

ALMEIDA, Miguel de. **Arte nipo-brasileira.** *O Globo*, São Paulo, 11 de junho de 1988. Segundo caderno, p. 04.

BRAGA, Regina Stela. **À mesa, como no Japão: Uma alimentação rica e saudável: Nada se perde, tudo se cria (e se reaproveita).** *O Globo*, Rio de Janeiro, 05 de setembro de 1982. *Jornal da Família* p. 01 e 02.

CARNEIRO, J. G.. **A árvore do charão.** *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 04, 05 de junho de 1941.

CAVALCANTI, Edith. **Cor, sempre um fator de emoção.** *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 18 de outubro de 1981. Quinto caderno, *Ilustrada*, *Decoração*, p. 53.

CHARLEAUX, João Paulo. **Mofada há 50 anos em SP, acervo de arte japonesa corre risco: Projeto de R\$ 1 milhão para salvar 205 peças foi aprovado pela Lei Rouanet, mas nenhuma empresa se interessou.** *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 de novembro de 2011. *Folha Ilustrada*, p. E7.

CORRÊA, Maria de Lourdes. **Coma e emagreça.** *Correio Paulistano*, São Paulo, 01 de janeiro de 1956. Suplemento, p. 07.

CORTESÃO, Jaime. **Um acontecimento nacional.** *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 10 de julho de 1955. Quinto caderno, *literatura e arte*, p. 101.

LEAL, Isa. **Paulistas que não nasceram em São Paulo.** *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 06 de julho de 1958. *Assuntos de Vida Social I*, p. 08.

LEAL, Isa. **Talento e açúcar: Doces obras-primas.** *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 11 de setembro de 1960. *Mulher e Lar*, p. 15.

KNAPP, Érica. **A história do Brasil através dos móveis.** *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 de agosto de 1975. *Nova Mulher*, p. 33.

MONTEIRO, Moupyr. **Charão: surpresa artística e realidade econômica em S. Paulo.** *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 23 e 24, 20 de maio de 1951.

NASCIMENTO, Paulo César. **Imigrante cultiva árvores raras em Campinas: Junto com outras 12 mil árvores, 97 espécies nativas são cultivadas em 124 alqueires.** *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 15 de fevereiro de 1990. *Interior*, p. 31.

RIBEIRO, Alaor Pacheco. **Charão: árvore da arte que desafia o tempo. Da lendária China de milênios para os dias convulsivos da era atômica.** *Folha da manhã (Folha de S.Paulo)*, São Paulo, 25 de novembro de 1951. *Atualidades e comentários*, p.15.

SENAGA, Mário. **Na cidade, o melhor da cozinha japonesa: Nos restaurantes de São Paulo são servidos os frutos desta cozinha essencialmente simples, que busca o sabor natural nos alimentos.** *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28 de março de 1986. *Turismo*, p.23 e 24.

TSCHUPPIK, Walter. **O papel do charão na guerra.** *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 05, 05 de junho de 1945.

Bibliotecas

BIBLIOTECA DO INTITUTO FLORESTAL. São Paulo (SP), Zona Norte, Parque Estadual Alberto Löfgren (Horto Florestal).

BIBLIOTECA NADIR G. KFOURI. São Paulo (SP), Campus Monte Alegre.

Conferências

CONFERÊNCIA ESTÉTICA E ARTE, Edgar Morin. São Paulo: SESC Pinheiros, 18 de junho 2019 (transmissão online ao vivo).

Dissertações, Teses e Trabalhos de Conclusão de curso

JUNIOR, Norval Baitello. **A cultura do ouvir**. 1997. 28 p. CISC (Centro interdisciplinar de semiótica da cultura e da mídia), Seminários especiais de rádio e áudio, Arte da Escuta – ECO. 1997.2.

Documentos

BRASIL. **Lista Geral de Desembarque no Porto de Santos**. Unidade Arquivo Público do Estado - Secretaria de Governo - São Paulo. Santos, São Paulo, 26 de junho de 1929, p. 29, 31 páginas (total).

Livros

AZEREDO, José Carlos de. **Escrevendo pela nova ortografia: como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa** (versão compacta). Instituto Antônio Houaiss. São Paulo: Publifolha, 2009. 72 p.

BROMMELLE, N. S. e SMITH, Perry. **Urushi: Proceedings of the 1985 Urushi Study Group**. Tóquio, Japão: The Getty Conservation Institute, 1985. 258 p.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** (Versão eletrônica). Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 2ª edição revista e ampliada. 169 p.

COSTA, Antônio Luiz M. C.. **Títulos de Nobreza e Hierarquias: um guia sobre as graduações sociais na história**. (Versão eletrônica). São Paulo: Draco, 2014. 423 p.

COSTA, Marcos. **A história do Brasil para quem tem pressa** (Versão eletrônica). Rio de Janeiro: Valentina, 2016. 167 p.

DARWIN, John. **Ascensão e queda dos impérios: 1400-2000** (Versão eletrônica). Tradução: Jaime Araújo. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2015. 557 p.

FURIHATA, Toshio. **O fascínio da cultura japonesa: Um olhar brasileiro sobre a cultura japonesa**. São Paulo: Cepar Consultoria e Participações, 2008. 115 p.

GOFF, Jacques Le. **História e Memória** (Versão eletrônica). Tradução: Maria Clarice Samnpaio Villac. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990. 293 p.

HONDA, E. A. e YAMAZOE, G. **25 anos de Cooperação Jica – Instituto Florestal**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005. 190 p.

JUNIOR, Norval Baitello. **A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia**. São Paulo: Paulus, 2010. 120 p.

MARRIOTT, Emma. **A história do mundo para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2016. 200 p.

MORIN, Edgar. **Sobre a estética**. Tradução: Edgar de Assis Carvalho e Maria Perassi Bosco. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2017. 128 p.

NAKAYAMA, Ryoichi. **O Charão: Contribuição para a história da sua cultura e industrialização em São Paulo (Do “Boletim de Agricultura” nº único - 1949)**. São Paulo: Secretaria da agricultura – Diretoria de publicidade agrícola, 1951. 16 p.

NEIVA, Eduardo. **Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia**. São Paulo: Publifolha, 2013. 594 p.

NISHIMURA, Momoyo. Tradução (inglês): Elizabeth Kondo. **Laquerware: Urushi (Coleção Japanese Culture; 11)**. E-book Kindle: Amazon serviços de varejo do Brasil Ltda, sem data. 131 p.

OI, Célia. **Raízes da Arte Koguei no Brasil**. São Paulo: Nippak Graphics, 2012. 72 p.

OI, Célia Abe. **Guia da cultura japonesa**. São Paulo: Editora JBC, 2004. 610 p.

(ORG.), Marlene Marchiori. **Comunicação em interface com a cultura** (Coleção faces da cultura e da comunicação organizacional; 1). São Paulo: Difusão Editora, 2013. 275 p.

(ORG.), Marlene Marchiori. **História e memória** (Coleção faces da cultura e da comunicação organizacional; 4). São Paulo: Difusão Editora, 2013; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio de Janeiro, 2013. 148 p.

PAIVA, Odair da Cruz. **Histórias da (I)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI** – Coleção: Ensino e Memória. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013. 252 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. São Paulo: Autêntica, 2012. 3ª edição. 82 p.

PIZA, D. **Jornalismo Cultural** (Coleção Comunicação). São Paulo: Contexto, 2004. 144 p.

SILVA, Jorge Anthonio e. **Jornalismo Cultural: Apontamentos, Resenhas e Críticas sobre Artes Plásticas**. São Paulo: Pantemporâneo, 2010. 120 p.

Sites

Biblioteca Nacional Digital Brasil – Hemeroteca Digital.

Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/>>

Acesso em: agosto de 2018 a dezembro de 2019.

Estadão – Acervo.

Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/>>

Acesso em: agosto de 2018 a dezembro de 2019.

Folha de S.Paulo – acervoFOLHA.

Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/index.do/>>

Acesso em: agosto de 2018 a dezembro de 2019.

INCT – Herbário Virtual da Flora e dos Fungos.

<http://inct.florabrasil.net/>

Acesso em: 04 de dezembro de 2019.

MUNDO PODCAST – O que é podcast?

Disponível em: <<https://mundopodcast.com.br/artigos/o-que-e-podcast/>>.

Acesso em: 01 de julho de 2019.

NORMAS & REGRAS. Referências Bibliográficas nas Normas ABNT de Livros e Sites (links) – Como Fazer.

Disponível em: <<https://www.normaseregras.com/normas-abnt/referencias/>>.

Acesso em: 01 de julho de 2019.

O GLOBO – Acervo Digital O GLOBO.Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/>>.

Acesso em: agosto de 2018 a dezembro de 2019.

SINÔNIMOS.COM.BR. Dicionário de sinônimos online.Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/>>.

Acesso em: 01 de julho de 2019.

SPOTIFY.for Brands. Culture Next. Global Trends Report. Volume 1: 2019.Disponível em: <<https://www.spotifyforbrands.com/pt-BR/culturenext/>>

Acesso em: 01 de novembro de 2019.

VIA CARREIRA. Acadêmico. Como fazer citações no TCC (Normas ABNT).Disponível em: <<https://viacarreira.com/como-fazer-citacoes-no-tcc-normas-abnt/>>.

Acesso em: 01 de julho de 2019.

MuseusSÃO PAULO (SP), Bairro da Liberdade. **Museu Histórico da Imigração Japonesa.**SÃO PAULO (SP), Bela Vista, **Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP).**SÃO PAULO (SP), Zona Norte, Parque Estadual Alberto Löfgren (Horto Florestal). **Museu Florestal Octávio Vecchi.*****Referências Legislativas***BRASIL. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Projeto de Lei nº 266** (sala das sessões), de 20 de abril de 1960.BRASIL. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Lei nº 5.873**, de 12 de setembro de 1960.***Revistas***

REVISTA Brasileira de Medicina. Rio de Janeiro: O princípio tóxico-alergênico das anacardiceae – O problema do *Rhus Succedanea* na cidade de São Paulo, v. 17, nº 1, janeiro 1960. 43 a 48 p.

REVISTA Divulgação Paranaense. Paraná: Studio de arte decorativa, Ano XVII, nº 203-204, fevereiro-março 1965. 21 p.

RODRIGUÉSIA: revista do Jardim Botânico. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Ano XXV, nº 37, 1966. 209 p.

RODRIGUÉSIA: revista do Jardim Botânico. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Ano XXXI, nº 49, junho 1979. 187 e 207 p.

SILVICULTURA em São Paulo. São Paulo: Boletim Técnico do Serviço Florestal do Estado de São Paulo, v. I, nº 1, janeiro-junho 1962. 103 a 107 p.

Revistas Eletrônicas

LENHARO, Rayane Isadora; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. **Podcast, participação social e desenvolvimento.** Belo Horizonte: Educação em revista, v. 32, nº 1, março 2016. 307 a 335 p.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000100307&lng=en&nrm=iso>

Trilhas Musicais

Goodbye War, Hello Peace por teru (c) copyright 2009.

Licensed under a Creative Commons Attribution Noncommercial (3.0) license.

Disponível em: <<http://dig.ccmixer.org/files/teru/18828>>

Intoleranzen por Stefan Kartenberg (c) copyright 2019.

Licensed under a Creative Commons Attribution Noncommercial (3.0) license.

Disponível em: <<http://dig.ccmixer.org/files/JeffSpeed68/60604> Ft: Javolenus>

Nanyang Journey (Instrumental) por Ivan Chew (c) copyright 2011.

Licensed under a Creative Commons Attribution (3.0) license.

Disponível em: <<http://dig.ccmixer.org/files/ramblinglibrarian/33455>>

The Annual New England Xylophone Symposium por DoKashiteru (c) copyright 2009.

Licensed under a Creative Commons Attribution Noncommercial (3.0) license.

Disponível em: <<http://dig.ccmixer.org/files/DoKashiteru/19848>> Ft: spinning merkaba.

The Long Goodbye por John Pazdan (c) copyright 2008.

Licensed under a creative Commons Attribution license.

Disponível em: <<http://dig.ccmixer.org/files/flatwound/14476>>

ANEXO



Interface do site “Charão no Brasil – Um resgate da técnica de arte milenar oriental” - criado para a divulgação dos materiais localizados e produzidos.

Link: <https://karinnygalvao.wixsite.com/charao>